UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE – UFCSPA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

Laísa de Siqueira Umpierrez

Efeitos Comportamentais e GABAérgicos da Autoadministração Oral de Cocaína em Ratos Machos e Fêmeas com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade Induzido por 6-Hidroxidopamina

Porto Alegre
2015

Laísa de Siqueira Umpierrez

Efeitos Comportamentais e GABAérgicos da Autoadministração Oral de Cocaína em Ratos Machos e Fêmeas com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade Induzido por 6-Hidroxidopamina

.

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde – Farmacologia e Toxicologia.

Orientador: Prof. Dra.Helena M.T. Barros
Co-orientador: Dra. Marilise Fraga de Souza

Porto Alegre
2015

Catalogação na Publicação

Umpierrez, Laísa de Siqueira
Efeitos comportamentais e Gabaérgicos da autoadministração oral de cocaína em ratos machos e fêmeas com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade induzido por 6-Hidroxidopamina / Laísa de Siqueira Umpierrez. -- 2015.
101 p. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, 2015.

Orientador(a): Prof. Dra. Helena Maria Tannhauser Barros ; coorientador(a): Dra. Marilise Fraga de Souza.

1. Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. 2. Transtorno por Uso de Substâncias. 3. Modelos animais dos transtornos. 4. Sistema Gabaérgico. 5. Cocaína. I. Título.

Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da UFCSPA com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RESUMO

O Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) é caracterizado por hiperatividade, desatenção e impulsividade, resultando de uma possível anormalidade cerebral com prejuízos nos sistemas noradrenérgico e dopaminérgico. Há diferenças entre os sexos nos sintomas de TDAH. Os meninos tendem a ser mais hiperativos e impulsivos enquanto as meninas são mais desatentas. Uma das comorbidades mais prevalentes é o transtorno por uso de substâncias. Indivíduos com TDAH têm risco de dependência a drogas, principalmente cocaína e cerca de um quarto dos dependentes possuem TDAH. Uma das explicações para a associação são os efeitos paradoxais de psicoestimulantes, que reduzem os sintomas da doença. O modelo de lesão dopaminérgica neonatal por 6-hidroxidopamina (6-OHDA) é utilizado para o estudo do TDAH, causando aumento da atividade locomotora em machos. O efeito paradoxal caracteriza-se por uma diminuição na locomoção após autoadministração de cocaína. Em humanos e em animais normais as drogas de abuso afetam os sexos de forma diferente, com os indivíduos do sexo feminino progredindo mais rapidamente para a dependência com maior resposta aos efeitos da administração repetida de cocaína. Estudos sugerem que as mulheres com TDAH apresentariam um maior risco de abuso de cocaína. A disfunção dopaminérgica e noradrenérgica pode interferir nos sistemas glutamatérgico e GABAérgico. O modelo de lesão dopaminérgica causa alterações na expressão de RNAm de subunidades $GABA_A$ no córtex pré-frontal, hipocampo e estriado. A exposição subaguda à cocaína modifica a liberação de GABA na área tegmental ventral e altera os níveis de GABA extracelular no córtex pré-frontal. Há escassez de estudos neurobiológicos sobre as diferenças sexuais em relação ao TDAH e ao uso de cocaína e as possíveis implicações do sistema GABAérgico, bem como sobre a comparação de autoadministração de cocaína em machos e fêmeas em modelos animais de TDAH. Assim, o objetivo deste estudo foi verificar os efeitos da autoadministração oral de cocaína no comportamento de ratos machos e fêmeas com TDAH induzido por lesão com 6-OHDA e a associação correspondente com a expressão de RNAm das subunidades dos receptores $GABA_A$ no córtex pré-frontal. Este estudo demonstra que o TDAH diminui os reforços na autoadministração de cocaína. Também foi possível concluir que os machos com TDAH possuem níveis de reforço menores que as fêmeas ao longo da autoadministração. Não houve

alterações significativas nas subunidades α1, α2 e γ2 do $GABA_A$. Porém, embora não significativo, os machos com TDAH tendem a apresentar um padrão diferente dos demais grupos de acordo com a subunidade. Existe correlação entre a expressão de RNAm das diferentes subunidades nas fêmeas normais e correlação do comportamento de reforço com a subunidade α2 nos machos com TDAH. Nossos resultados fornecem informações importantes quanto aos padrões de reforço de drogas em animais induzidos ao transtorno e a implicação do sexo nesses padrões. Demonstra que o efeito paradoxal da cocaína não acontece quando há um alto consumo desta pelos animais com TDAH. Quanto à expressão das subunidades do receptor $GABA_A$, nossos resultados indicam que pode haver modificações importantes ocasionadas pelo consumo de cocaína em animais com TDAH. Portanto percebe-se a necessidade de mais estudos que verifiquem o consumo de cocaína em animais machos e fêmeas induzidos ao TDAH e as alterações da expressão de subunidades do $GABA_A$ relacionados com adição a psicoestimulantes para elucidar as bases comportamentais e neuroquímicas da coexistência desses dois transtornos.

Palavras-chave: TDAH, autoadministração de cocaína, diferenças sexuais, $GABA_A$, córtex pré-frontal.

ABSTRACT

Attention deficit hyperactivity disorder (ADHD) is characterized by hyperactivity, inattention and impulsivity, resulting from a possible brain abnormality with dysfunction in noradrenergic and dopaminergic systems. There are gender differences in ADHD symptoms. Boys tend to be more hyperactive and impulsive while girls are more inattentive. One of the most prevalent comorbid disorder is substance use. Individuals with ADHD have higher risk for drug dependence, mainly cocaine, and about a quarter of the dependents have ADHD. One explanation for the association is the paradoxical effects of psychostimulants, which reduce the symptoms of the disorder. The neonatal dopaminergic lesion model by 6-hydroxydopamine (6-OHDA) is used for the study of ADHD, resulting in increased locomotor activity in males. The paradoxical effect characterized by a decrease in locomotion after cocaine self-administration. In normal humans and animals drugs of abuse affect sexes differently, with females for progressing faster dependence and greater response to the effects of repeated administration of cocaine. Studies suggest that women with ADHD present a greater risk of cocaine abuse. The dopaminergic and noradrenergic dysfunction can interfere with glutamatergic and GABAergic systems. The model of dopaminergic lesion causes changes in $GABA_A$ subunits of mRNA expression in prefrontal cortex, hippocampus and striatum. Subacute exposure to cocaine modifies the release of GABA in the ventral tegmental area and changes the extracellular GABA levels in the prefrontal cortex. There is an insufficient of neurobiological studies of sex differences in relation to ADHD and the use of cocaine and the possible implications of the GABAergic system and on the comparison of cocaine self-administration in males and females in ADHD animal models. The objective of this study was to investigate the effects of oral cocaine self-administration in male and female rats with ADHD-induced lesion by 6-OHDA and the corresponding association with the mRNA expression of the subunits of the $GABA_A$ receptors in the prefrontal cortex. This study demonstrates that ADHD causes decreases in self-administration of cocaine. It was also concluded that males with ADHD have lower reinforcement than females in oral cocaine self- administration. There were no significant changes in subunits $\alpha 1$, $\alpha 2$ and $\gamma 2$ $GABA_A$. However, although not significant, males with ADHD tend to have a different pattern from the other groups in accordance with the subunit. There is a correlation between the

mRNA expressions of the different subunits in normal females and there is a correlation between reinforcement and subunit $\alpha 2$ in males with ADHD. Our results provide important information about the cocaine reinforcement patterns in animals induced the disorder and the implication of sex in these standards. It shows that the paradoxical effect of cocaine does not happen when there is a high consumption of the animals with ADHD. The expression of the $GABA_A$ receptor subunits, our findings indicate that there may be significant changes caused by cocaine in animals with ADHD. So we see the need for more studies to verify the consumption of cocaine in male animals and induced ADHD females and changes in $GABA_A$ subunit expression related addition to psychostimulants to elucidate the behavioral and neurochemical bases of the coexistence of these two disorders.

Keywords: ADHD, cocaine self-administration, sex differences, $GABA_A$, Prefrontal cortex

LISTA DE ABREVIAÇÕES

TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

DSM V – Diagnostic and Statical Manual of Mental Disorders V

6-OHDA – 6 Hidroxidopamina

CPF- Córtex pré-frontal

ADAD - Abuso e Dependência de Álcool e outras Drogas

SNC – Sistema Nervoso Central

UFCSPA – Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

EUA – Estados Unidos da América

HCl – Ácido Clorídrico

HBr – Ácido Bromídrico

HCO3 – Bicarbonato

H2O2- Peróxido de Hidrogênio

DA- Dopamina

DAT- *Dopamine Transporter*

GABA – Ácido gama - aminobutírico

SHR - *Spontaneously Hypertensive Rat*

WKHA - *Wistar-Kyoto hyperactive*

Brdu- 5-bromo-2'deoxiuridina

MAO- Monoamina-oxidase

ROS- Espécies Reativas de Oxigênio

NAc- Núcleo *accumbens*

ONU – Organização das Nações Unidas

NSDUH – *National Survey in Drug Use and Health*

UNODC - *United Nations Office on Drugs and Crime*

PND- *Postnatal day*

mRNA- *messenger Ribonucleic Acid*

ADHD – *Attention Deficit Hyperactivity Disorder*

VTA – *Ventral Tegmental Area*

SUD – *Substance Use Disorder*

FR1- *Fixed ratio 1*

mPFC – *medial PreFrontal Cortex*

LISTA DE TABELA

LISTA DE FIGURAS

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

1.1 TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE

1.1.1 Definição e Epidemiologia

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) consiste em uma desordem associada a comportamento de desatenção e/ou hiperatividade e impulsividade e afeta principalmente crianças em idade escolar, interferindo no funcionamento e no desenvolvimento (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014; SADOCK & SADOCK, 2007). Esse transtorno é consequência de uma possível anormalidade cerebral com disfunções no sistema catecolaminérgico, envolvendo especialmente a dopamina e noradrenalina (PLISZKA, 2005; SADOCK & SADOCK, 2007; ROHDE & HALPERN, 2004). A disfunção nesse sistema resulta na incapacidade de manter a atenção por um período de tempo adequado, comportamento impulsivo aumentado, capacidade diminuída de suprimir atividade motora e tendência à distração (PLISZKA, 2005; LAMBERT & KINSLEY, 2006; POETA & NETO, 2004) que leva a dificuldades cognitivas e de aprendizado. De acordo com o DSM-V, o TDAH é subdividido em três tipos: a) TDAH com apresentação predominantemente desatenta; b) TDAH com apresentação predominantemente hiperativa/impulsiva; c) TDAH com apresentação combinada, quando tanto os critérios de desatenção quanto de hiperatividade-impulsividade são preenchidos (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION; 2014; NUSSBAUM, 2011). A desatenção manifesta-se comportamentalmente como divagação em tarefas, falta de persistência, dificuldade em manter o foco e desorganização. A hiperatividade em crianças refere-se à atividade motora excessiva quando não apropriado, enquanto nos adultos há manifestação de inquietude extrema, levando a dificuldades de relacionamentos, pois há esgotamento dos amigos e familiares com este excesso de atividade motora. A impulsividade refere-se a ações precipitadas, que ocorrem no momento, sem premeditação ou planejamento e com elevado potencial para dano à pessoa, também podendo ser reflexo de um desejo de recompensas imediatas ou de incapacidade de postergar a gratificação (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION; 2014). Os sintomas do TDAH, geralmente, se expressam antes dos 7 anos, não podendo-se excluir a possibilidade do aparecimento dos sintomas após

essa idade (ROHDE & HALPERN, 2004). Ao longo da vida, a hiperatividade, normalmente, regride, porém na adolescência ou na fase adulta a maioria dos pacientes permanece com as dificuldades de planejamento, inquietude, desatenção e impulsividade (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Quando há resquícios de TDAH em adultos, estes apresentam deficiências em uma série de domínios cognitivos em relação à atenção sustentada, funções executivas, memória de trabalho e inibição de respostas. Estas características podem implicar em tomada de decisões desfavoráveis e, consequentemente, num risco aumentado para o abuso de substâncias, direção perigosa, instabilidade profissional e dificuldades no sustento de relação estáveis (AGAY, et al, 2010).

A prevalência do TDAH na população está estimada em 5% nas crianças e 2,5% nos adultos (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Há maior predominância em meninos do que em meninas, sendo a proporção de 2 para 1 em crianças e de 1,6 para 1 nos adultos conforme a recentre publicação do DSM-V (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Essa proporção parece ter mudado, uma vez que se acreditava que, no geral, esta desordem fosse de 3 a 4 vezes mais comum no sexo masculino (BIEDERMAN & FARAONE, 2005; GAUB E CARLSON, 1997). A estas mudanças pode-se atribuir um provável aumento do diagnóstico no sexo feminino.

Em desacordo com as estatísticas acima, um estudo que avaliou alunos com idades entre 6 e 12 anos de escolas na Venezuela, mostrou uma incidência maior de TDAH no sexo feminino (8,26%) em comparação com o sexo masculino (6,20%), evidenciando um desacordo com a literatura especializada (MONTIEL-NAVA *et al*, 2002).

A diferença entre os sexos pode ser resultado da dificuldade do diagnóstico do transtorno no sexo feminino, devido, provavelmente, ao fato de as meninas apresentarem menos sintomas de conduta, como hiperatividade e impulsividade, causando menos incômodo às famílias e à escola e, portanto, fazendo com que sejam menos encaminhadas a tratamento (GOLFETO & BARBOSA*, 2003*). Estudos que relacionam o TDAH e as comorbidades associadas demonstram que meninas tem mais distúrbios de internalização (depressão e ansiedade), enquanto meninos, distúrbios de externalização (desordens de conduta e opositivas) (HASSON & FINE, 2012; GAUB & CARLSON, 1997; NUSSBAUM, 2011). Tais diferenças podem levar,

na maioria das vezes, ao subdiagnóstico no sexo feminino (BIEDERMAN et al., 1994).

1.1.2 Neurobiologia

Considerando que o TDAH manifesta-se de mais de uma forma, nenhuma alteração em um único sistema de neurotransmissores parece ser responsável pelo aparecimento desse transtorno. Os estudos indicam o envolvimento principalmente das catecolaminas, em especial da dopamina e noradrenalina.

Existem algumas teorias propostas para tentar explicar a neurobiologia do TDAH. A teoria bioquímica se refere quase que exclusivamente à hipofunção do sistema dopaminérgico (CASTELLANOS, 1997). O sistema dopaminérgico executaria ações modulatórias distintas na transferência de informações por meio de circuitos neuronais que conectam o tálamo, o córtex pré-frontal e os neurônios dos gânglios da base (CASTELLANOS, 1997). De maneira geral, as rotas dopaminérgicas mesocorticais (área tegmental ventral e córtex pré-frontal) e nigroestriatal (substância nigra e estriado) estariam predominantemente envolvidas na sintomatologia do TDAH: uma hipofunção nas áreas corticais seria responsável por déficits cognitivos e nas funções executivas, enquanto que uma hiperfuncionalidade dopaminérgica em áreas estriatais resultaria nos sintomas de hiperatividade e impulsividade (THIERRY et al., 1988)

Apesar do papel importante dos sistemas dopaminérgico e noradrenérgico na neurobiologia do TDAH, alguns autores relacionam outros sistemas neurais com a patofisiologia desse transtorno, uma vez que a disfunção dos sistemas dopaminérgicos e noradrenérgicos poderia acarretar disfunções GABAérgicas e glutamatérgicas (POSNER & PETERSON, 1990; PLISZKA, 1992, PLISZKA e cols., 2000). De acordo com essas teorias, projeções excitatórias glutamatérgicas são enviadas do córtex pré-frontal (CPF) para estruturas do estriado, que por sua vez, envia projeções inibitórias GABAérgicas para neurônio da substância nigra. A partir desse evento há inibição dos núcleos talâmicos, que finalizam o circuito com o envio de projeções excitatórias glutamatérgicas para neurônios corticais. Considerando que esses diferentes circuitos estão relacionados com memória, atenção e atividades motoras, explica-se a complexidade e heterogeneidade do TDAH. Um dos autores defende ainda que os vários sintomas do TDAH são resultado de um déficit

do controle inibitório, ou seja, uma falha no controle dos comportamentos e nas funções executivas (BARKLEY, 1997).

A teoria anatomofuncional, descrita por Riesgo e Rohde (2004), descreve disfunções nas áreas frontais e suas conexões subcorticais no sistema límbico. Portanto, no princípio, só havia um sistema atencional e o TDAH era entendido como um fraco controle inibitório frontal sobre as estruturas límbicas. No entanto, a teoria de um único centro atencional - apesar de bem comprovada por estudos neuropsicológicos de neuroimagem funcional e de neurotransmissores - pode explicar alguns casos do TDAH, mas não todos. A visão completa deve incluir uma circuitaria neural com dois sistemas atencionais: o anterior, que envolve a região pré-frontal e suas conexões subcorticais e é responsável pelo controle inibitório e funções executivas, como a memória de trabalho, parece ser dopaminérgico. Já o posterior, parece ser predominantemente noradrenérgico e é responsável pela regulação da atenção seletiva (ROHDE & HALPERN, 2004; RIESGO & ROHDE, 2004). Outra região importante relacionada com atenção é o *locus ceruleus,* o qual é constituído de neurônios adrenérgicos, sendo ativo em respostas a estímulos específicos (PLISZKA et al, 1996).

Ainda, a redução volumétrica de várias regiões cerebrais é bastante relatada, principalmente nas vias ricas em dopamina (DA) na região fronto-estriatal e cerebelo, que também está envolvido na patologia do TDAH (STALLER & FARAONE,2006). Um estudo demonstrou menor volume na região vermal do cerebelo em meninos com o transtorno, quando comparados aos meninos sem TDAH (BERQUIN, GIEDD & JACOBSEN ,1998). Além disso, parece haver uma lateralidade na diminuição de outras regiões, como no lado direito do lobo frontal, globo pálido e caudado. Em meninas com TDAH também foi encontrado um pequeno volume na região posterior- inferior do vermis do cerebelo quando em comparação às meninas saudáveis (CASTELLANOS et al, 2001). Nesse sentido, com relação às diferenças da neurobiologia entre os gêneros, foi relatada uma diferença estrutural do corpo caloso entre meninas e meninos na adolescência, sendo a parte esplênica menor nas meninas e a rostral, menor nos meninos (NUSSBAUM, 2011).

1.1.3 Diferença entre os sexos no TDAH

No sexo feminino é mais frequente o tipo com predomínio de sintomas de desatenção e parece apresentar, conjuntamente com o tipo combinado, uma taxa mais elevada de prejuízo acadêmico (ROHDE, 2000), uma vez que as meninas parecem ser mais prejudicadas no nível intelectual (GAUB & CARLSON, 1997). Diferentemente do sexo feminino, o masculino demonstra pronunciada hiperatividade (POETA & NETO, 2004, GAUB & CARLSON, 1997).

Quando os indivíduos com TDAH passam para a idade adulta, a proporção entre os sexos se inverte, isto é, enquanto nos meninos os sintomas podem estar declinando, nas meninas podem estar aumentando (TAYLOR & KELTNER, 2002). Isto pode ser explicado pela influência do estrogênio no aumento da concentração dos neurotransmissores DA, serotonina e noradrenalina (NE), como visto em um estudo feito por Archer (1999). Fink et al (1996) encontraram um aumento significativo de DA no estriado de fêmeas em resposta à estimulação do estrogênio. Em estudos feitos com ratos e ratas verificou-se que durante o desenvolvimento pré-púbere dos machos há uma superprodução de receptores dopaminérgicos no corpo estriado, o que pode contribuir para a hiperatividade. No entanto, quando eles atingem a fase adulta, existe uma redução de 55% na densidade dos receptores, ao passo que nas fêmeas há um aumento dos receptores dopaminérgico no estriado pela influência do estrogênio (ANDERSEN & TEICHER, 2000).

1.1.4 TDAH e Transtorno por Uso de Substâncias

Cerca de um total de 50% a 90% de todas as crianças com TDAH possuem outras doenças psiquiátricas (SPENCER, BIEDERMAN, & WILENS, 1999; WILENS et al., 2002; NUSSBAUM, 2011) e dentre elas, os transtornos relacionados ao abuso e dependência de álcool e outras drogas (ADAD) estão entre os mais prevalentes (KLASSEN et al, 2012), o que pode intensificar os sintomas do TDAH e dificultar o diagnóstico. Devido a essas alterações, é necessário haver uma história clara de que os sintomas do TDAH são anteriores ao uso de substâncias antes de diagnosticar o transtorno em pacientes que fazem o abuso de drogas (MARIANI & LEVIN, 2007).

Os indivíduos adolescentes com TDAH são duas vezes mais suscetíveis a usar drogas durante a adolescência, sendo que, muitas vezes, buscam essas substâncias com o intuito de acalmar os sentimentos de ansiedade e inquietação consequentes da desordem; já outros procuram os estimulantes para aumentar a capacidade de concentração (“auto-medicação”) (RESTAK, 2003). Em comparação com indivíduos normais controles, pacientes com o TDAH parecem apresentar um consumo mais precoce de álcool e outras drogas, inclusive em termos de quantidades e dependência (VENDRUSCOLO & TAKAHASHI, 2010).

Há um grau de associação relativamente alto entre TDAH e uso de cocaína na adolescência e na idade adulta (BIEDERMAN e cols., 1995; MCGOUGH e cols., 2005). De acordo com Biederman (1995) e Wilens (1994), 50% dos adultos com TDAH têm uma história de abuso de substâncias. Mais recentemente, Wilens e cols. (2004) mostraram que adultos diagnosticados com TDAH apresentam um potencial de risco maior de desenvolver quadros de dependência à cocaína do que os indivíduos sem o transtorno. Ainda, um estudo realizado entre adolescentes em tratamento de dependências de drogas, revelou que 34% deles apresentavam paralelamente o diagnóstico de TDAH (GORDON et al., 2004). Szobot et al.(2007) mostraram, em um estudo realizado com 968 adolescentes brasileiros do sexo masculino, que há uma forte relação entre o TDAH e a probabilidade do desenvolvimento de uso de substâncias. Em 2011, uma meta-análise publicada por Lee e cols com a revisão de mais de 20 estudos, reafirmou que o TDAH na infância está associado a um risco significativamente maior (2x) de uso de cocaína e de outras drogas na fase da adolescência e adultez jovem. Além disso, adolescentes com TDAH, quando comparados com seus irmãos que não apresentam o transtorno, possuem um risco aumentado de desenvolver abuso de substâncias, bem como iniciam o uso mais cedo e de forma crônica (BARKLEY et al., 2004; KING et al.,1999; RIGGS,1998). O interesse desses indivíduos pelo uso de substâncias psicoativas é influenciado pela atração pela novidade e à impulsividade característica (BIEDERMAN et al., 2008; MOLINA,SMITH, & PELHAM, 1999).

Em pacientes diagnosticados com TDAH, apesar da piora acentuada nos quadros de dependência química ocasionado pelo abuso de cocaína, há uma melhora sintomática do TDAH, o que propicia um contínuo re-uso da droga (CASTAÑEDA E cols., 2000). Em vez de excitação, os pacientes com TDAH, sentem efeitos benéficos como diminuição da agitação motora, estabilização do humor,

melhora na atenção e capacidade de pensar (CASTENEDA et al., 1999; CARROLL & ROUNSAVILLE, 1993). Isto acontece, pois há relação entre o mecanismo de ação da droga e a fisiopatologia do transtorno, já que ambas estão diretamente relacionadas à sinalização de DA e NE, assim como ocorre com o metilfenidato, fármaco utilizado no tratamento do transtorno (DEL CAMPO e*t al.,* 2011; VOLKOW *et al*., 2009).

Assim como na clínica, estudos pré-clínicos, como o realizado em nosso laboratório, por Azeredo e cols (2010), mostraram que a cocaína em baixas doses reverte a hiperatividade locomotora em ratos induzidos ao TDAH pelo modelo de lesão dopaminérgica neonatal com 6-Hidroxidopamina (6-OHDA), demonstrando o efeito paradoxal desta droga. Este resultado pode ser explicado pelo aumento da concentração de DA extracelular causada pela administração de cocaína que inverteria a diminuição da funcionalidade da via mesolímbica dopaminérgica lesionada pela neurotoxina 6-OHDA, atenuando, dessa forma, a hiperatividade deste modelo de TDAH (VOLKOW et al., 2002).

1.1.5 Modelos animais de TDAH

O estudo da neurobiologia e sua relação com o comportamento referente ao TDAH pode ser realizado com a utilização de modelos animais. Embora estes animais possuam um sistema nervoso com funcionalidade relativamente simples, o estudo desta patologia psiquiátrica é bem aplicado. Vários modelos animais tem sido usados nas últimas décadas para estudar diversos aspectos do transtorno (VAN DER KOOIJ & GLENNON, 2007): a) modelos de camundongos resultantes de alterações genéticas: camundongo mutante Coloboma, camundongos knock out/down para o gene transportadores de dopamina (DAT), camundongo mutante para o receptor tireoidiano beta; b) modelos de ratos resultantes de alterações genéticas: ratos espontaneamente hipertensos (SHR); Wistar-Kyoto derivado de rato hipertenso (WKHA); c) modelos resultantes de lesões: hipóxia neonatal, 5-bromo-2'deoxiuridina (BrdU) pré-natal, atrofia cerebelar, irradiação do hipocampo e lesão dopaminérgica neonatal . Dentre os modelos, os mais utilizados nas pesquisas pré-clínicas são os modelos SHR e lesão dopaminérgica neonatal.

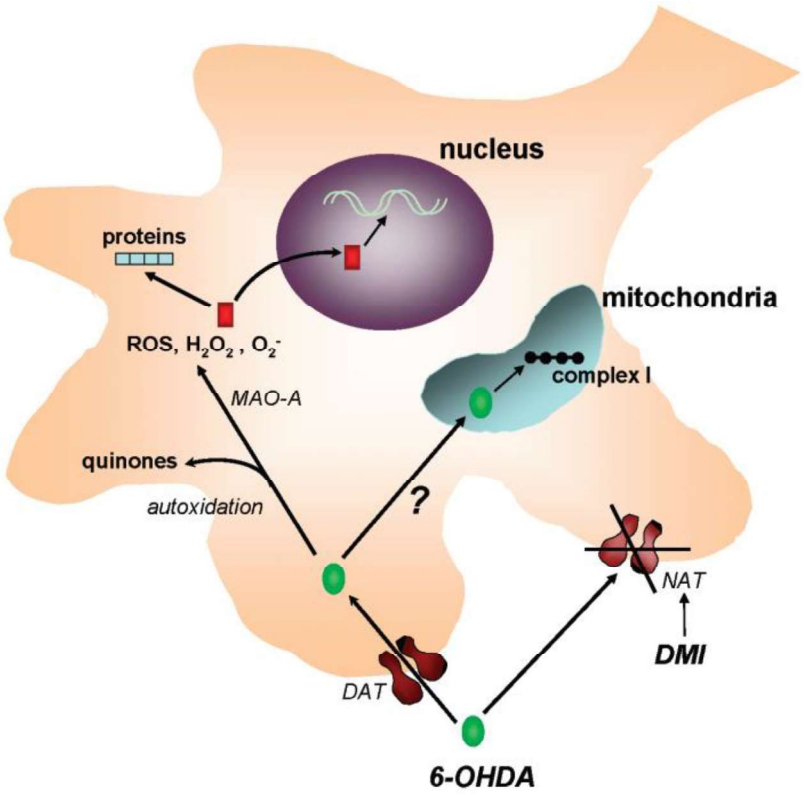
Um modelo animal para ser considerado adequado, precisa preencher três critérios de validade: a validade de face, ou seja, mimetizar os déficits

comportamentais fundamentais que caracterizam a sintomatologia do TDAH; validade preditiva, ou seja, o modelo animal precisa responder aos tratamentos farmacológicos do TDAH; validade de construto, ou seja, o modelo animal deve estar em conformidade com a fundamentação teórica do transtorno (função dopaminérgica alterada) (RUSSELL et al., 2005; SAGVOLDEN, 2000; SAGVOLDEN et al., 2005). Tendo em vista esses critérios, o modelo de ratos espontaneamente hipertensos tem sido questionado, pois estudos mostraram que este modelo falha no que diz respeito à validade preditiva, uma vez que há um aumento da hiperatividade quando estes animais são tratados com metilfenidato e anfetamina, diferentemente do que acontece na clínica (AMINI et al., 2004).

Por outro lado, o modelo de lesão dopaminérgica neonatal por 6-OHDA se enquadra mais completamente nos três critérios de validade, uma vez que acarreta uma hiperatividade motora característica do TDAH (SHAYWITZ et al., 1976) , além de déficit de aprendizagem e de memória (LUTHMAN et al., 1989; ARCHER et al., 1988) alterações dopaminérgicas e diminuição da hiperatividade com a administração de psicoestimulantes, como metilfenidato. Uma revisão de Van Der Kooij & Glennon (2007) concluiu que o modelo de lesão dopaminérgica neonatal é o modelo que melhor representa comportamentalmente e farmacologicamente o TDAH.

A 6-OHDA é uma neurotoxina que ocasiona dano nos terminais catecolaminérgicos através de uma ligação tóxica irreversível aos transportadores destes neurônios (PEARSON et al., 1980). A molécula de 6-OHDA, por apresentar estrutura similar às catecolaminas endógenas (BLUM et al.,2001) é absorvida e armazenada intracelularmente através dos transportadores de membrana dos neurônios dopaminérgicos e noradrenérgicos. Após sua entrada nas células neuronais a neurotoxina pode ser degradada pela monoamina-oxidade (MAO) ou por auto-oxidação, gerando várias espécies citotóxicas, como ROS (espécies reativas de oxigênio), H_2O_2 (peróxido de hidrogênio) e quinonas, que danificam proteínas intracelulares e o núcleo, produzindo dano neuronal. Além desses eventos, a 6-OHDA pode induzir toxicidade neuronal alterando a atividade mitocondrial (Figura 1) (COHEN, 1984; LUTHMAN et al., 1989; VAN KAMPEN et al., 2000, SIMOLA et al., 2007). A fim de selecionar como único alvo os neurônios dopaminérgicos, é administrada intraperitonealmente 30 minutos antes da injeção de 6-OHDA um bloqueador dos transportadores de noradrenalina, a desipramina,

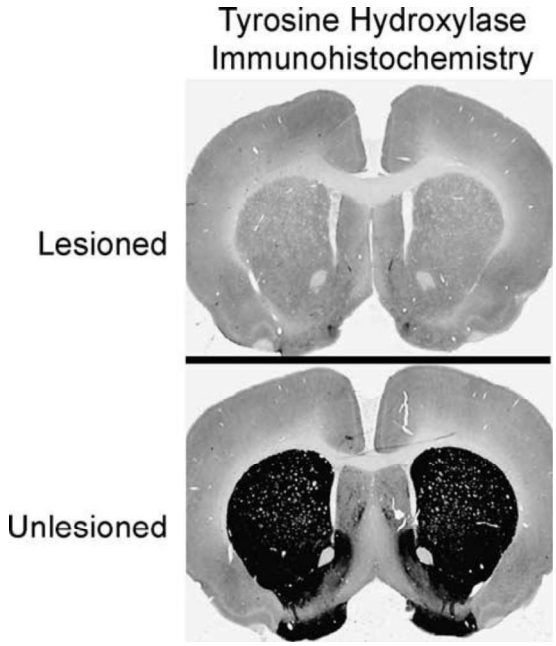
evitando assim, o dano dos terminais noradrenérgicos. Dessa forma, acredita-se que ao lesionar os neurônios dopaminérgicos e proteger os noradrenérgicos, ocorre uma hiperinervação serotoninérgica, acarretando um aumento da serotonina no estriado, que pode contribuir para o aparecimento de comportamentos disfuncionais (MRINI et al., 1995; MOLINA-HOLGADO,1994; KOSTRZEWA, 1998). As lesões ocasionadas nos neurônios dopaminérgicos são geralmente parciais, resultando em cerca de 80% de fibras lesionadas após a injeção intracisternal da neurotoxina (SHAYWITZ e cols., 1976). Na figura 2 é possível observar a imunorreatividade estriatal da tirosina hidroxilase, ilustrando a destruição seletiva dos neurônios dopaminérgicos após lesão neonatal com 6-OHDA.



Fonte: SIMOLA et al., 2007.

Figura 1: Mecanismos de neurotoxicidade induzida por 6-OHDA. Após ser recaptada do espaço extracelular através do DAT ou NAT, a molécula de 6-OHDA é armazenada nos neurônios catecolaminérgicos. Uma vez dentro dos neurônios, a 6-OHDA sofre degradação enzimática pela MAO-A e auto-oxidação, resultando em espécies citotóxicas, as quais, através de danos em proteínas intracelulares e

núcleo, produzem dano neuronal. Além disso, 6-OHDA pode induzir neurotoxicidade por prejudicar a atividade do complexo mitocondrial I. Em experimentos animais, a 6-OHDA é usualmente administrada em associação com bloqueadores da NAT, como a DMI, para prevenir que a molécula seja recaptada pelos terminais noradrenérgicos e para selecionar como alvo os neurônios dopaminérgicos. *DAT*: Transportadores de Dopamina; *NAT*: Transportadores de Noradrenalina; *DMI*: Desipramina; *MAO-A*: Monoamina-oxidase A; *ROS*: Espécies Reativas de Oxigênio; H_2O_2 : Peróxido de Hidrogênio; *6-OHDA*: 6-Hidroxidopamina.



Fonte: BREESE et al., 2005

Figura 2: Imunohistoquímica da tirosina hidroxilase após o tratamento neonatal com 6-hidroxidopamina. Este rato adulto recebeu desipramina 30 min antes da administração intracisternal de 6- OHDA aos 3 dias de idade.

1.1.6 Modelos animais para dependência de drogas.

Inúmeras técnicas foram desenvolvidas para modelar aspectos específicos do comportamento de consumo de drogas, tornando possível a compreensão das bases neurobiológicas e os sistemas cerebrais envolvidos nas propriedades de

recompensa das substâncias psicoativas. No entanto, nas últimas décadas, novos modelos foram propostos na tentativa de desvendar mais especificamente os mecanismos de dependência (VANDERSCHUREN & AHMED, 2013). Os modelos de maior importância são o modelo de livre escolha (*free-choice bottle model* ou *two-bottle choice technique*), o modelo de preferência de lugar (*conditioned place preference*) e o modelo de autoadministração em caixas de condicionamento operante (*operant self-administration*).

O modelo de livre escolha é um método de autoadministração não operante em que o animal tem à disposição duas garrafas, uma com água e outra com a droga em estudo. Dessa forma pode-se verificar a preferência do animal, bem como estimar a dose de droga ingerida. Este modelo é muito utilizado para estudos com álcool (PLANETA, 2013), porém vários estudos com cocaína já foram publicados utilizando esse modelo (MARQUARDT et al., 2004; BARROS & MICZEK,1996, AZEREDO et al.,2010) embora essa via não seja a principal entre os usuários de cocaína. Apesar disso, um estudo demonstrou que a concentração plasmática da cocaína em humanos tem o mesmo perfil de concentração após o uso pela via intravenosa (FANG et al., 1999). Dois estudos realizados em nosso laboratório verificaram que a administração oral de cocaína através deste modelo é capaz de induzir reações à retirada da droga, como o aumento de vocalizações ultrassônicas (BARROS & MICZEK,1996) e comportamento tipo-depressivo no teste de nado forçado (MARQUARDT et al., 2004).

O modelo de preferência de lugar é utilizado em animais de laboratório para medir a recompensa de drogas. Neste método são usadas caixas que possuem três compartimentos: dois espaços com características diferentes (por exemplo, com cores e materiais diferentes) e um espaço neutro. Os animais são condicionados a associar os efeitos da droga a um dos compartimentos. O experimento consiste em primeiramente ambientar o animal às diferentes câmeras; na próxima fase administra-se a droga em estudo e coloca-se o animal confinado em um dos compartimentos; e na última fase coloca-se o animal no espaço neutro e verifica-se para qual dos compartimentos ele vai se direcionar. Dessa forma é possível analisar o potencial de reforço da droga se o animal passar a maior parte do tempo no compartimento em que aprendeu a associar à substância (BARDO & BEVINS, 2000; CRUZ et al.,2010).

O modelo de autoadministração em caixas de condicionamento operante é o que melhor avalia as propriedades reforçadoras de uma droga, uma vez que testa o quanto o animal trabalha para receber a substância (PLANETA, 2013). As caixas contem barras que ao serem pressionadas acionam uma bomba externa contendo a solução a ser injetada (Figura 3). Esse sistema é conectado a um computador que contém um programa específico com o protocolo de interesse programado pelo pesquisador. A primeira fase deste modelo consiste em um treinamento para aquisição do comportamento operante, ou seja, fase em que os animais aprendem que a pressão na barra gera a liberação de um reforço, que pode ser realizada com alimento ou solução com sacarose, dependendo do modelo de caixa utilizada. Após a fase de aprendizado, inicia a fase do teste onde o reforço do treino é substituído pela solução com a droga a ser estudada, sendo que o reforço pode ser via oral ou intravenosa (PLANETA, 2013; FRANS VAN HAAREN, 1993).

Figura 3: Sistema de autoadministração (registros do autor). Composto por caixa de autoadministração contendo duas alavancas em uma das paredes, que acionam a bomba de infusão após pressionadas. Entre as alavancas há um orifício por onde o animal consome a solução oral. As caixas de autoadminitração são envoltas por um caixa de madeira, para evitar grande propagação de ruído para a sala de experimentação.

Em experimentos com animais, já está bem estabelecido que existem diferenças entre machos e fêmeas na resposta comportamental a psicoestimulantes (PERROTI et al., 2001; QUINONES-JENAB et al., 1999). Ratas fêmeas apresentam maior consumo de cocaína durante a sessão de autoadministração e aumento de resposta a esquemas de razão progressiva de reforço (KERSTETTER AND KIPPIN, 2011). As fêmeas também mostram maior resposta locomotora e maior sensibilização a psicoestimulantes (WISSMAN et al., 2011).

Em um estudo realizado por Russo e cols (2003) para determinar a preferência condicionada de lugar por diferentes doses de cocaína em ratos de ambos os sexos, verificou-se que as fêmeas preferiam as doses mais baixas (5 e 10 mg/kg) e os machos a dose elevada (20mg/kg).

Roth & Carroll (2004) compararam a autoadministração intravenosa entre machos e fêmeas e verificaram que as fêmeas se autoadministram mais que os machos em sessões longas de 6 horas de duração. Já quando a sessão tinha duração de 1 hora, os machos apresentavam maior número de reforços que as fêmeas.

1.2 SISTEMA GABAÉRGICO

1.2.1 Ácido γ-Aminobutírico (GABA)

O ácido gama – aminobutírico (GABA) é considerado o mais importante neurotransmissor inibitório do SNC (TWYMAN & MACDONALD, 1991) e como tal, desempenha um papel fundamental na modulação da atividade neuronal (BETTLER et al., 2004), tanto em termos de excitações ou inibições sinápticas, interagindo com outros sistemas neuronais, como os sistemas dopaminérgico, noradrenérgico e glutamatérgico, regulando de forma específica as interações entre neurônios adjacentes em distintas áreas do SNC [GRAY e cols., 1991].

O sistema GABA é um dos que nos interessa estudar na relação de desenvolvimento de dependência aos psicoestimulantes, pois estudos recentes mostram modulação deste sistema pelo uso continuado de cocaína (AZEREDO e cols., 2010). Estas alterações de plasticidade estão citadas como mecanismos importantes da dependência aos psicoestimulantes, e o sistema GABA tem sido apontado como um potencial alvo para o tratamento deste transtorno psiquiátrico. Nas últimas décadas estão se acumulando evidências que o GABA tem participação nos efeitos da cocaína. Em estudo realizado em nosso laboratório, a autoadministração de cocaína provoca mudanças na transcrição gênica de diversas subunidades do receptor $GABA_A$ no córtex pré-frontal, hipocampo e estriado de ratos no modelo animal de lesão dopaminérgica neonatal (AZEREDO e cols., 2010).

O neurotransmissor GABA é sintetizado a partir do glutamato como produto de uma reação catalisada pelas enzimas ácido-glutâmico descarboxilases (GAD_{65} e

GAD_{67}) encontradas apenas em neurônios que sintetizam GABA no cérebro (ERLANDER, et al., 1991), e então é carregado por vesículas transportadoras de neurotransmissores e liberadas dos terminais nervosos por exocitose dependente de cálcio (FON & EDWARDS, 2001). Após sua ação, o GABA é metabolizado a succinato através de duas reações pelas enzimas GABA-transaminase e semialdeído-succinato desidrogenase [KORPI, 2002]. A enzima GABA-transaminase ocorre em neurônios pós-sinápticos e em células da glia, onde participa da inativação do GABA após sua liberação, sendo por isso considerado responsável pelo controle da manutenção de concentrações apropriadas de GABA pré-sináptico (DELUCIA et al., 2007)

O GABA é particularmente abundante no cérebro. Nos sistemas neuronais como os localizados nos gânglios basais, especialmente a substância negra e o globo pálido concentram altos níveis de GABA (cerca de 10μmol/g de tecido), o que sugere a importância desse neurotransmissor nessa área cerebral. Já na substância cinzenta o GABA ocorre em concentrações mais baixas (2-5μmol/g de tecido). O conteúdo do GABA é de 200 a 1000 vezes maior do que de outros neurotransmissores. No tecido estriatal, o GABA é o principal transmissor e está localizado nos interneurônios curtos e em neurônios que se projetam para a substância negra e o globo pálido. Praticamente todos os neurônios são sensíveis ao efeito inibitório do GABA, ou seja, ele se distribui por todo o sistema nervoso central (SNC), demonstrando ter uma ação em quase todas as áreas cerebrais ao mesmo tempo (RANG, 2004; DELUCIA et al., 2007).

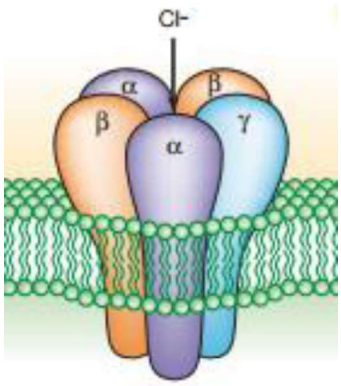
1.2.2 Receptores $GABA_A$

Os efeitos do neurotransmissor GABA são mediados através da ativação de receptores ionotrópicos e metabotrópicos: $GABA_A$, $GABA_B$, $GABA_C$ localizados nos neurônios pré ou pós-sinápticos (CHERUBINI & CONTI, 2001) . Os receptores $GABA_A$ e $GABA_C$ são ionotrópicos, ou seja, consistem em um canal iônico regulado por ligante, enquanto o $GABA_B$ é metabotrópico, acoplado à proteína G. Os receptores $GABA_C$ são uma variante dos receptores $GABA_A$ diferenciados na retina (OLSEN & SIEGHART, 2009).

Os receptores $GABA_A$, de localização pré e pós-sináptica, medeiam a maioria das neurotransmissões inibitórias rápidas no cérebro de mamíferos. A ligação do

ligante neste receptor causa uma mudança conformacional na proteína do canal que resulta em influxo de íons através dos poros para o interior da célula. Esses íons, principalmente, são os íons Cl^-, no entanto o ânion HCO_3^- (bicarbonato) também pode permear o poro do canal, ainda que de forma menos eficiente. Como o potencial de membrana do Cl^- é, em geral, negativo em relação ao potencial de repouso da célula, o aumento da permeabilidade deste íon hiperpolariza a célula, reduzindo, assim, a sua excitabilidade (OWENS & KRIEGSTEIN 2002; RANG, 2004; KAILA, 1994; BORMANN, et al., 1987).

A composição proteica do $GABA_A$ é apresentada na forma de um complexo glicoproteico transmembrânico heteropentamérico, ou seja, a estrutura é composta por cinco subunidades polipeptídicas, sendo que o arranjo conformacional dessas subunidades define sua funcionalidade dentro de um circuito neuronal (Figura 4). Já foram identificadas seis subunidades α, três β, três γ, uma δ, uma ε, uma π e uma θ, totalizando 16 subunidades que são codificadas a partir de 19 genes (BORMANN, et al., 1987; MACDONALD & OLSEN, 1994; MEHTA & TICKU, 1999, SIMON et al., 2004). No SNC, este receptor pode possuir diversas combinações dessas subunidades, podendo resultar em alterações na afinidade dos ligantes pelos receptores, e com isso, resultar em respostas diferentes a determinados ligantes (BARNARD et al., 1998). Está descrito que em ratos as principais subunidades proteicas que compõem os receptores $GABA_A$ são α, β, γ e δ, e as combinações apresentadas são formadas pelas subunidades $\alpha 1\beta\xi\gamma 2$, $\alpha 2\beta\xi\gamma 2$, $\alpha 3\beta\xi\gamma 2$, $\alpha 4\beta\xi\gamma 2$, $\alpha 5\beta\xi\gamma 2$, $\alpha 6\beta\xi\gamma 2$, $\alpha 4\beta\xi\delta$ e $\alpha 6\beta\xi\delta$ (JECHLINGER et al., 1998; OLSEN & SIEGHART, 2009). Além disso, foi verificado em neurônios de ratos a diferenciação em relação às combinações de subunidades dependendo da estrutura cerebral (BARNARD et al., 1998).



Fonte: BELELLI & LAMBERT, 2005

Figura 4: Representação do receptor $GABA_A$ formado por um complexo glicoproteico transmembrânico

1.2.3 Sistema GABAérgico e 6-OHDA

Estudos já realizados demonstram que alterações no sistema dopaminérgico acarretam mudanças no sistema GABAérgico de ratos lesionados por 6-OHDA. Chadha et. al. (2000) mostrou, após lesão dopaminérgica no trato nigroestriatal de ratos, que ocorre uma alteração na expressão gênica das subunidades $\alpha1$, $\alpha4$, $\beta2$ e $\gamma2$ do receptor $GABA_A$ no tálamo e gânglio basal. As alterações mais relevantes encontradas foram um aumento da expressão das subunidades $\alpha1$ e $\beta2$ na região nigroestriatal, e uma paralela redução dessas subunidades no globo pálido. Estudo realizado em nosso laboratório em ratos com lesão dopaminérgica por 6-OHDA via intracisternal, verificou aumento da expressão de RNA mensageiro da subunidade $\alpha2$, $\alpha4$ e $\beta2$ no córtex pré-frontal, aumento da expressão das subunidades $\beta1$ e $\beta2$ no hipocampo, e no estriado foi encontrado um aumento da expressão de $\alpha2$ e uma diminuição na expressão de $\beta2$ (AZEREDO et al., 2010).

Embora tenha realizado a lesão dopaminérgica pela via subcutânea em ratos recém-nascidos, cujo mecanismo é provavelmente diferente, o estudo realizado por Podkletnova et al (2000) é de grande relevância, pois mostrou uma redução significativa dos níveis de expressão de RNA mensageiro das subunidades $\alpha1$, $\alpha6$ e $\gamma2$ de $GABA_A$ no neocerebelo e um atraso temporário adicional na transcrição pós-natal de subunidades $\alpha1$ e $\gamma2$ no córtex pré-frontal.

1.2.4 Sistema GABAérgico e Cocaína

Após o uso de cocaína ocorre a liberação de DA no núcleo accumbens e estriado liberados das projeções dopaminérgicas da substância nigra e da área tegmental ventral (KALIVAS et al., 1990). Vários estudos sugerem que o sistema GABAérgico pode alterar a atividade dessas projeções dopaminérgicas (KALIVAS et al., 1990; STEIN, 1998; YANG e MOGENSON, 1985, 1989). Devido à estreita interação entre esses dois sistemas, os receptores $GABA_A$ podem ser afetados pela cocaína, os quais podem participar das alterações cerebrais causadas pela liberação de dopamina (YAMAGUCHI, 2000). Embora isso seja já de conhecimento da comunidade científica, o mecanismo através do qual a cocaína interage com os neurônios GABAérgicos ainda não está bem elucidado (KALIVAS,2007; ARIANO, 1996). Estudos mostraram que repetidas injeções de cocaína diminui o número de receptores $GABA_A$ e a estimulação do $GABA_A$ pela absorção de Cl^- no estriado de ratos (PECINS-THOMPSON & PERIS, 1993; PERIS, 1996). Outro estudo verificou que em ratos sensibilizados à cocaína há uma diminuição da expressão da subunidade α2 no núcleo accumbens (CHEN et al., 2007).

Yamaguchi (2000) demonstrou que após 30 minutos de uma injeção aguda de cocaína há uma diminuição da expressão da subunidade α1 no córtex parietal e cerebelo de ratos, porém essa diminuição é revertida no cerebelo após 4 horas da injeção. Neste estudo eles também verificaram que, diferentemente do que acontece com α1, a subunidade α6 não apresentou alterações significantes em nenhuma das regiões analisadas, a saber: córtex cingulado, córtex fronto-parietal, córtex temporal, estriado, tálamo, giro dentado e cerebelo. Além dessas alterações, eles observaram que houve redução significante da subunidade β2 no córtex cingulado 30 min depois da injeção, e ainda que β3 diminuiu sua expressão de RNA mensageiro no estriado e um aumento no giro dentado 1 hora depois da injeção. Dessa forma é possível perceber que há uma rápida alteração dos níveis de RNA mensageiro das subunidades do $GABA_A$, demonstrando a ação da cocaína na transcrição ou na degradação do RNAm, ou seja, a cocaína pode ter uma influência muito importante na inibição ou ativação dos fatores de transcrição. Interessantemente, dois estudos apontam que a ativação de receptores de dopamina resulta em aumento da liberação de GABA no córtex (BOURDELAIS & DEUTCH, 1994; GROBIN & DEUTCH, 1998). Sendo assim, as reduções de expressão de RNAm da subunidade

$\alpha 1$ obervada no córtex pode ser explicado por este mecanismo mediado pelo receptor induzido pelo agonista, no caso o GABA (YAMAGUCHI, 2000).

1.2.5 Sistema GABAérgico, 6-OHDA e Cocaína

Estudo realizado em nosso laboratório em animais machos lesionados pela injeção intracisternal por 6-OHDA que foram submetidos à autoadministração oral de cocaína pelo modelo *Two Bottle Choice* demonstrou que a cocaína atenua a expressão de RNAm da subunidade $\alpha 2$ do receptor $GABA_A$ do córtex pré-frontal dos ratos, bem como reverteu o aumento de $\alpha 4$ quando comparados aos ratos lesionados para os quais foi disponibilizado somente água. Quando a expressão de RNAm de $\beta 1$ foi analisada, verificou-se um aumento significante desta subunidade nos ratos lesionados que consumiram cocaína, ao passo que a subunidade $\beta 2$ teve sua expressão atenuada após o consumo oral de cocaína, quando considerado o córtex pré-frontal dos ratos (AZEREDO et al.,2010).

Ao analisar as modificações das subunidades de $GABA_A$ no hipocampo desses animais, verificou-se que as alterações de $\alpha 2$ e $\beta 2$ ocorreram de maneira diferente quando em comparação ao córtex pré-frontal: houve aumento da expressão de RNAm de $\alpha 2$ e expressão maior de $\beta 2$ quando comparado aos controles, sendo que a cocaína não reverteu esse efeito. Por outro lado, houve reversão do aumento da expressão de RNAm da subunidade $\alpha 4$ causada pela 6-OHDA, assim como no córtex, e uma expressão elevada dos animais 6-OHDA de $\beta 1$ em relação aos controles, que também não foi revertida com a autoadministração oral de cocaína (AZEREDO et al.,2010).

Analisou-se também o estriado desses ratos, onde foi detectada uma reversão da expressão de $\alpha 2$ nos animais lesionados que consumiram cocaína. Já em relação às subunidades $\alpha 4$, $\beta 1$ e $\beta 2$ não se detectou alteração na expressão gênica (AZEREDO et al.,2010).

2 JUSTIFICATIVA

O TDAH apresenta-se de maneiras diferentes entre homens e mulheres, e a literatura sugere que indivíduos com TDAH exibem um risco aumentado para o uso

de substância. (BRADY & SINHA, 2005; WILENS et al., 1994). E dessa forma, o uso de substâncias também parece ser diferente entre os sexos nos indivíduos com o transtorno (DISNEY, et al., 1999; BIEDERMAN et al., 2002; STALLER & FARAONE, 2006).

Estudos sugerem que normalmente mulheres são mais suscetíveis aos efeitos das drogas e enfrentam um padrão mais grave de dependência quando comparadas ao sexo masculino (LYNCH et al, 2002; CARROL *et al., 2004;* HU E BECKER, 2008; KERSTETTER & KIPPIN, 2011)**.** Em modelos animais, ratas adquirem comportamento de auto-administração à cocaína mais rapidamente e se auto-administram mais cocaína quando comparadas aos machos (HU et al., 2004; CAMPBELL et al., 2002).

Estudos demonstram que a sintomatologia do Transtorno pode ser amenizada com o uso de drogas, principalmente psicoestimulantes, como a cocaína, que poderia fazer com que indivíduo buscasse no uso uma forma de automedicação. Em animais foi demonstrado que a autoadministração de cocaína em baixas doses reduz a hiperatividade em ratos machos induzidos ao TDAH.

Portanto, com relação ao uso de substância em indivíduos com TDAH, homens e mulheres não podem ser vistos da mesma maneira. Poucos estudos pré-clínicos estudam essas diferenças, principalmente com o modelo de lesão neonatal por 6-OHDA e a autoadministração de psicoestimulantes. A escassa literatura acerca do tema evidencia a importância de mais estudos relacionando diferenças sexuais no TDAH e no abuso de substâncias, para, assim, auxiliar no desenvolvimento de diagnóstico e tratamento destas patologias, uma vez que pode haver diferenças também na eficácia do tratamento.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Verificar os efeitos comportamentais e GABAérgicos da autoadministração oral de cocaína em ratos machos e fêmeas induzidos ao Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade por 6-OHDA.

3.2 Objetivos Específicos

-Comparar o comportamento de autoadministração oral de cocaina entre machos e fêmeas lesionados e não lesionados com 6-OHDA

- Verificar os efeitos após prolongada autoadministração de cocaína na hiperatividade de ratos machos e fêmeas.

- Analisar as subunidades α1, α2, e γ2 dos receptores $GABA_A$ no córtex pré-frontal de ratos machos e fêmeas lesionados por 6-OHDA com prolongada autoadministração de cocaína;

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARÃO, M.C. **Cocaína: mecanismos de Ação e Efeitos no Organismo**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de São João Del-Rei, 2008.

AGAY, N.; YECHIAM, E.; CARMEL, Z.; LEVKOVITZ, Y. **Non-specific effects of methylphenidate (Ritalin) on cognitive ability and decision-making of ADHD and healthy adults.** Psychopharmacology (Berl), v. 210, n. 4, p. 511-9, 2010.

American Psychiatric Association. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. 5th ed. Washington: American Psychiatric Association; 2014.

AMINI, B., YANG, P.B., SWANN, A.C., DAFNY, N.**Differential locomotor responses in male rats from three strains to acute methylphenidate**. International Journal of Neuroscience 114, 1063–1084,2004.

ANDERSEN, S.L.; TEICHER, M.H**. Sex differences in dopamine receptors and their relevance to ADHD.** Neuroscience and Biobehavioural Reviews, 24, 137–141, 2000.

ARCHER, J. S. M. **Estrogen and mood changes via CNS activity**. Menopausal Medicine, 7, 4-8, 1999.

ARCHER, T.; DANYSZ, W.; FRIEDRIKSSON, A.; JONSSON, G.; LUTHMAN, J.; SUNDSTRÖN, E., et al. **Neonatal 6-hidroxidopamine –induced dopamine depletions: motor activity and performance in maze learning**. Pharmacol Biochem Behav., v. 31, p. 357-364.

AZEREDO, L.A. **Efeitos comportamentais e gabaérgicos da cocaína em ratos hiperativos.** Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Biológicas- Modalidade Médica. Fundação Faculdade Federal de Ciências Médica de Porto Alegre, p. 22, 2007.

AZEREDO, L.A., MARQUARDT, A.R., FRAZZON, A.P.G., BARROS, H.M. **Cocaine reverses the changes in GABAA subunits and in glutamic acid decarboxylase isoenzymes mRNA expression induced by neonatal 6-OHDA**. Behavioural Pharmacology, 2010.

BAHLS, F.C.; BAHLS, S.E. **Cocaína: origens, passado e presente**. Interação em Psicologia, v. 6, n. 2, p. 177-181, 2002.

BELELLI D and LAMBERT J.J**. Neurosteroids: endogenous regulators of the $GABA_A$ receptor.** Nature Reviews Neuroscience July 2005;6, 565-575.

BARDO M.T., BEVINS R.A.. **Conditioned place preference: what does it add to our preclinical understanding of drug reward?** Psychopharmacology.153:31–43 ,2000.

BARKLEY, R. A. **Behavioral inhibition, sustained attention, and executive functions: constructing a unifying theory of ADHD.** Psychol Bull., 121(1):65-94,1997.

BARKLEY, R. A.; FISCHER, M.; SMALLISH, I. & FLETCHER, K. **Does the treatment of attention deficit/hyperactivity disorder with stimulants contribute to drug use/abuse? A 13-year prospective.** Pediatrics, 111, 97-109, 2003.

BARKLEY RA et al. **Young adult follow-up of hyperactive children: antisocial activities and drug use**. J Child Psychol Psychiatry, 45(2):195–211, 2004.

BARNARD, E.A.; SKOLNICK, P.; OLSEN, R.W.; MOHLER, H.; SIEGHART, W.; BIGGIO, G.; BRAESTRUP, C.; BATESTON, A.N.; LANGER, S.Z. **Subtypes of γ-aminobutyric acid a receptors: classification on the basis of subunit structure and receptor function**. Pharmacol Rev., v.50, p.291-313, 1998.

BARROS, H.M.; MICZEK, K.A. **Withdrawal from oral cocaine in rats: ultrasonic vocalizations and tactile startle.** Psychopharmacol., v.125, p.379-384, 1996.

BAUMGAERTEL, A.; WOLRAICH, M.L.; DIETRICH, M. **Comparison of diagnostic criteria for attention deficit disorders in a German elementary school sample**. J Am Acad Child Adolesc Psychiatry.; 34(5):629-38, 1995.

BECKER, J.B.; HU, M. **Sex differences in drug abuse.** Front Neuroendocrinol, v. 29, p. 36-47, 2008.

BERQUIN, P. C., GIEDD, J. N., & JACOBSEN, L. K. **Cerebellum in attention-deficit hyperactivity disorder: A morphometric MRI study**. Neurology, v. 50, p. 1087-1093, 1998

BETTLER B, S KAUPMANN, K, MOSBACHER J, GASSMANN M. **Molecular Structure and Physiological Functions of GABAB Receptors.** *American Physiological Society* 84: 835–867, 2004; 10.1152/physrev.00036.2003

BIEDERMAN, J.; FARAONE, S.V.; MONUTEAUX, M.C. **Differential effect of environmental adversity by gender: Rutter's index of adversity in a group of boys and girls with and without ADHD**. Am J Psychiatry, v. 159, n. 9, p. 1556-62, 2002.

BIEDERMAN, J.; MICK, E.; FARAONE, S. V.; BRAATEN, E.; DOYLE, A.; SPENCER, T. et al. **Influence of gender on attention deficit hyperactivity disorder in children referred to a psychiatric clinic**. American Journal of Psychiatry, 159(1), 36-42, 2002.

BIEDERMAN, J.; WILENS, T.; MICK, E. et al. **Psychoative substance use disorders in adults with attention deficit hyperactivity disorder (ADHD): effects of ADHD and psychiatric comorbidity.** Am J Psychiatry, 152 (11): 1652-8, 1995.

BIEDERMAN, J.;WILENS, T.E.; MICK, E.; FARAONE, S.V.; SPENCER, T. **Does attention-deficit hyperactivity disorder impact the developmental course of drug and alcohol abuse and dependence?** Biol Psychiatry, v. 44, p. 269-273, 1998.

BIEDERMAN, J; FARAONE, S.V. **Attention-deficit hyperactivity disorder**. Lancet; 366:237-48, 2005.

BIERDERMAN, J.; FARAONE, S.V.; SPENCER, T.; WILENS, T.; MICK, E.; LAPEY, K.A.; **Gender differences in a sample of adults with attention deficit hyperactivity disorder.** Psychiatry Research, 53, 13–29, 1994.

BIEDERMAN, J., PETTY, C. R., WILENS, T. E., FRAIRE, M. G., PURCELL, C. A., MICK, E., FARAONE, S. V.. **Familial risk analyses of attention deficit hyperactivity disorder and substance use disorders.** *The American Journal of Psychiatry*, *165*, 107- 115. doi:10.1176/appi.ajp.2007.07030419,2008.

BOURDELAIS A.J, DEUTCH A.Y. **The effects of haloperidol and clozapine on extracellular GABA levels in the prefrontal cortex of the rat: an in vivo microdialysis study**, Cereb. Cortex 4 69–77,1994.

CHEN Q, LEE TH,WETSEL WC, SUN QA, LIU Y, DAVIDSON C, et al. **Reversal of cocaine sensitization-induced behavioral sensitization normalizes GAD67 and GABAA receptor alpha2 subunit expression, and PKC zeta activity**. Biochem Biophys Res Commun 356:733–738,2007.

BORMANN, J., HAMILL, O. P. & SAKMANN, B. **Mechanism of anion permeation through channels gated by glycine and γ-aminobutyric acid in mouse cultured spinal neurones.** *J. Physiol. (Lond.)* 385, 243–286,1987.

BLUM D., TORCH S., LAMBENG N., NISSOU M.F., BENABID A.L., SADOUL R., VERNA J.M. **Molecular pathways involved in the neurotoxicity of 6-OHDA, dopamine and MPTP: contribution to the apoptotic theory in Parkinson's disease.** Progress in Neurobiology 65 135–172,2001.

BRADY, K. T. & SINHA, R. **Co-occuring mental and substance use disorders: The neurobiological effects of chronic stress.** American Journal of Psychiatry, 162, 1483-1493, 2005.

BREESE, G.R.,TAYLOR, T.D. **Depletion of brain noradrenaline and dopamine by 6-hydroxydopamine.** Br J Pharmacol, 2010.

BREESE G.R., KNAPP D.J., CRISWELL H.E., MOY S.S., PAPADEAS S.T., BLAKE

B.L. **The neonate-6-hydroxydopamine-lesioned rat: a model for clinical neuroscience and neurobiological principles.** Brain Res Brain Res Rev.;48(1):57-73, 2005.

BÜTTNER, A.; MALL, G.; PENNING, R.; SACHS, H.; WEIS, E. **The neuropathology of cocaine abuse.** Legal Medicine, v. 5, p. 240-242, 2003.

CANNON, C.M.; BSEIKRI, M.R. **Is dopamine required for natural reward?** Physiology & Behaviour, v. 81, p. 741-748, 2004.

CARLINI, E.A., *et al.* **VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras.** São Paulo: CEBRID, Universidade Federal de São Paulo. SENAD - Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, Brasília. p. 503, 2010.

CARLINI, E.A.; GALDURÓZ, J.C.F.; NOTO, A.R. **II Levantamento Domiciliar Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil: Estudo Envolvendo as 108 Maiores Cidades do País.** Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 2007.

CARROLL KM, ROUNSAVILLE BJ: **History and significance of childhood attention deficit disorder in treatment-seeking cocaine abusers**. Comprehensive Psychiatry 34:75– 81, 1993

CASTANEDA R, SUSSMAN N, LEVY R, et al. A **treatment algorithm for attention-deficit hyperactivity disorder in cocaine-dependent adults: a one-year private practice study with long-acting stimulants, fluoxetine, and bupropion.** Substance Abuse 20:55–67, 1999.

CASTAÑEDA, R.; LEVY, R.; HARDY, M.; TRUJILLO, M. **Long-acting stimulants for the treatment of attention-deficit disorder in cocaine-dependent Adults.** Psychiatr Serv., v. 51, p. 169-171, 2000.

CASTELLANOS, F. X., GIEDD, J. N., BERQUIN, P. C., WALTER, J. M., SHARP, W., TRAN, T. et al. **Quantitative brain magnetic resonance imaging in girls with attention-deficit hyperactivity disorder.** Archives of General Psychiatry, v. *58*, p. 289-295, 2001.

CASTELLANOS, F.X. **Toward a pathophysiology of attentiondeficit/hyperactivity disorder.** Clin Pediatr (Phila), v.36, p.381-93, 1997.

CHASIN, A.A.M.; SILVA, E.S.; CARVALHO, V.M. In: OGA, S.; CAMARGO, M.M.A.; BATISTUZZO, J.A.O. **Fundamentos de toxicologia.** 3. ed. São Paulo: Atheneu, p. 355-364, 2008.

CHADHA, A.; DAWSON, L.G.; JENNER, P.G.; DUTY, S. **Effect of unilateral 6-hydroxydopamine lesions of the nigrostriatal pathway on GABA(A) receptor subunit gene expression in the rodent basal ganglia and thalamus.** Neuroscience, 95(1):119-26, 2000.

CHERUBINI, E. & CONTI, F. **Generating diversity at GABAergic synapses**. *Trends Neurosci.* 24, 155–162,2001.

COHEN G. **Oxy-radical toxicity in catecholamine neurons**. *Neurotoxicology* 5, 77-82,1984.

CRUZ FC, LEAO RM, MARIN MT, PLANETA CS. **Stress-induced reinstatement of amphetamine-conditioned place preference and changes in tyrosine hydroxylase in the nucleus accumbens in adolescent rats.** Pharmacol Biochem Behav.;96:160-5.,2010.

DAVIDS, E.; ZHANG, K.; KULA, N.S.; TARAZI, F.I.; BALDESSARINI, R.J. **Effects of norepinephrine and serotonin transporter inhibitors on hyperactivity induced by neonatal 6-hydroxydopamine lesioning in rats.** J Pharmacol Exp., v. 301, p.1097-1102, 2002.

DEL CAMPO, N.; CHAMBERLAIN, S.R.; SAHAKIAN, B.J.; ROBBINS, TW. **The roles of dopamine and noradrenaline in the pathophysiology and treatment of attention-deficit/hyperactivity disorder.** Biol Psychiatry, v. 69, n. 12, p.145-57, 2011.

DELUCIA, Roberto et al. **Farmacologia integrada.** 3. ed. Rio de Janeiro: Revinter,. 701 p. DEPARTAMENTO DE FARMACOLOGIA, 2007.

DICKERSON, T.J.; JANDA, K.D. **Recent advances for the treatment of cocaine abuse: central nervous system immunopharmacotherapy.** AAPS J., v. 7, n.3. p. 579-86, 2005.

DISNEY, E.R.; ELKINS, I.J.; MCGUE, M. et al. **Effects of ADHD, conduct disorder, and gender on substance use and abuse in adolescence.** Am J Psychiatry, v .156, n. 10, p. 1515-21, 1999.

EGRED, G.I.; DAVIS, G.K. **Cocaine and the heart.** Postgrad Med j., v. 81, p. 568-571, 2005.

ERLANDER, M. G., TILLAKARATNE, N. J., FELDBLUM, S., PATEL, N. & TOBIN, A. J. **Two genes encode distinct glutamate decarboxylases**. *Neuron* 7, 91–100 (1991).

FARAONE, S. V.; SERGEANT, J.; GILLBERG, C. & BIEDERMAN, J**. The worldwide prevalence of ADHD: Is it an American condition?** World Psychiatry, 2, 104-113, 2003.

FERREIRA, P.E.M.; MARTINI, R.K. **Cocaína: lendas, história e abuso.** Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 23, n. 2, p. 96-99, 2001.

FIGLIE, N.B.; BORDIN, S.; LARANJEIRA, R. **Aconselhamento em dependência química.** São Paulo: Rocca, 2004.

FINF, G. ; ROSIE, R. ; GRACE, O. & QUINN, J. P. **Estrogen control of central neurotransmission: Effect on mood, mental state, and memory**. Cell Molecular Biology, 16, 325-344, 1996.

FON, E. A. & EDWARDS, R. H. **Molecular mechanisms of neurotransmitter release.** *Muscle Nerve* 24, 581–601 (2001).

VAN HAAREN F. **TECHNIQUES THE BEHAVIORAL AND NEURAL SCIENCES: Methods in behavioral pharmacology**. Volume 10, Elsevier Science Publishers, 1993.

GALDURÓZ, J.C.F.; NOTO, A.R.; FONSECA, A.M.; CARLINI, E.A. **V Levantamento Nacional Sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras.** São Paulo: CEBRID, 2005.

GAUB, M., CARLSON, C.L. **Gender differences in ADHD: a metaanalysis and critical review**. Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry 36:1036–1045,1997.

GERSHON, J. **A meta-analytic review of gender differences in ADHD**. J Atten Disord, 5:143-54, 2002.

GOLDSTEIN, R.Z.; VOLKOW, N.D. **Drug addiction and its underlying neurobiological basis: neuroimaging evidence for the involvement of the frontal cortex.** Am J Psychiatry, v.159, n. 10, p. 1642-52, 2002.

GOLFETO, J. H., & BARBOSA, G. A. (2003). **Epidemiologia**. Em: L. A. Rhodes & P. Mattos (Orgs.), **Princípios e práticas em TDAH – Transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade** p. 15-34. Porto Alegre: Artmed.

GORDON S.M.; TULAK F.; TRONCALE J. **Prevalence and characteristics of adolescents patients with co-occurring ADHD and substance dependence.** J Addict Dis.; 23(4):31-40, 2004.

GRAY, A.; FELDON, J.; RAWLINS, J.N.P.; HEMSLEY, D.R.; SMITH, A.D. **The neuropsychology of schizophrenia.** Beh Brain Sci., v.14, p.1-84, 1991.

GRIMM, O. **Armadilhas da Obesidade**. Mente & Cérebro, v. 169, p 66-71, 2007.

GROBIN A.C., DEUTCH A.Y., **Dopaminergic regulation of extracellular gamma-aminobutyric acid levels in the prefrontal cortex of the rat**, J Pharmacol. Exp. Ther. 285 350–357,1998.

GUARDIOLA, A., SAIBRO, L., CORONEL, A., ROTTA, N.T., BARROS, H.M.T. **Effects of imipramine on hyperactivity produced by neonatal treatment with 6-hydroxydopamine.** Medical science research, v. 21, p.179-180, 1993.

GUARDIOLA, A.; BARROS, H.M.T. **Modelo animal del disturbio de Hiperactividade con Déficit de Atención.** An Neuroped Latinoamerican, v. 2, p. 27-32, 1990.

GUMY, C, HUISSOUD, T.; DUBOIS-ARBER, F. **Prevalence of Methylphenidate Prescription Among School-Aged Children in a Swiss Population: Increase in the Number of Prescriptions in the Swiss Canton of Vaud, from 2002 to 2005, and Changes in Patient Demographics**. J Atten Disord., 14(3):267-72, 2010.

HARDMANN, J.G.; LIMBIRD, L.E. & GILMAN, A.G. Goodman & Gilman's. **The pharmacology Basis of Therapeutics,** 11th ed, New York: McGraw-Hill, 2005.

HASSON R., FINE J.G. **Gender differences among children with ADHD on continuous performance tests: a meta-analytic review.** J Atten Disord.,16(3):190-8, 2012.

JECHLINGER, M.; KHACHI, A.; LO, K.; ZENZIE-GREGORY, B.; SIEGHART, W. **Subunit composition and quantitative importance of hetero-oligomeric receptors: GABAa receptors containing a6 subunits.** J Neurosci*.,* v.18, p.2449-2457, 1998.

JOHANSON, C.E.; SCHUSTER, C.R. Cocaine. In: Bloom, F.E.; Kupfer DJ(Org.). **Neuropsychopharmacology: The Fourth Generation Of Progress**. 4th Ed., New York: Raven, 2000. Disponível Em <Http://Www.Acnp.Org/G4/ Gn401000164/Default.Htm>. Implications. JAM 302:1084–1091, 2009. Acesso em 13 de abril de 2015.

KAILA, K. **Ionic basis of GABAA receptor channel function in the nervous system.** *Prog. Neurobiol.* 42, 489–537,1994.

KALIVAS PW, CHURCHILL L, KLITENICK MA. **GABA and enkephalin projection from the nucleus accumbens and ventral pallidum to the ventral tegmental area.** Neuroscience, 57:1047–60, 1993.

KALIVAS, P.W., DUFFY, P., EBERHARDT, H.**Modulation of A10 dopamine neurons by gamma-aminobutyric acid agonists,** J. Pharmacol. Exp Ther. 253 858–866, 1990.

KALIVAS, P.W. **Neurobiology of cocaine addiction: implications for new pharmacotherapy.** Am J Addict.,16(2):71-8, 2007.

KARCH, S.B. **Cocaine: history, use, abuse**. J R Soc Med., v. 92, n. 8, p. 393-397, 1999.

KERSTETTER, K.A.; KIPPIN, T.E. **Impact of Sex and Gonadal Hormones on Cocaine and Food Reinforcement Paradigms.** J Addict Res Ther S4,2011.

KORPI, E.R. **Drug interactions at GABA(A) receptors**. Prog Neurobiol., v.67, p.113- 159, 2002.

KING VL et al. **Attention deficit hyperactivity disorder and treatment outcome in opioid abusers entering treatment.** J Nerv Ment, Dis187(8):487–95, 1999;

KLASSEN, L.J.; BILKEY, T.S.; KATZMAN, M.; CHOKKA, P. **Comorbid Attention Deficit/Hyperactivity Disorder and Substance Use Disorder: Treatment Considerations**. Curr Drug Abuse Rev., 2012.

KOOB GF, BLOOM FE **Cellular and molecular mechanisms of drug dependence.** Science 242: 715–723,1988.

KOOB, G.F. & MOAL, M.L. **Neurobiology of addiction**. Elsevier, 2006.

KOOB, G.F. **The neurobiology of addiction: a neuroadaptational view relevant for diagnosis**. Addiction, v. 101, Suppl. 1, p. 23-23, 2006.

KOOIJ, M.A; GLENNON, J.C. **Animal models concerning the role of dopamine in attention-deficit hyperactivity disorder**. Neuroscience and Biobehavioral Reviews, 31 (4): 597–618, 2007

R.M. KOSTRZEWA, T.A. READER, L. DESCARRIES, **Serotonin neural** 889– 898. **adaptations to ontogenetic loss of dopamine neurons in rat brain,** J. Neurochem. 70,1998.

KOURI, E.; LUNDAHL, L.H.; BORDEN, K.N.; MCNEIL, J.F.; LUKAS, S.E**. Effects of oral contraceptive on acute cocaine response in female volunteers.** Pharmacology, Biochemistry and Behavior, v. 74, p. 173-180, 2002.

LAMBERT, K.; KINSLEY, C.H. **Neurociência clínica: as bases neurobiológicas da saúde mental.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

LAVIOLA, G.; WOOD, R.D.; KUHN, C.; FRANCIS, R.; SPEAR, L.P. **Cocaine sensitization in periadolescent and adult rats.** J pharmacol exp Ther., v. 275, n. 1, p. 345-57,1995.

LEE, S.S.; HUMPHREYS, K.L.; FLORY, K.; LIU, R.; GLASS, K. **Prospective association of childhood attention-deficit/hyperactivity disorder (ADHD) and substance use andabuse/dependence: a meta-analytic review.** Clin Psychol Rev.; 31(3):328-41, 2011.

STEVE S. L A, KATHRYN L. HUMPHREYS A, FLORY K B, LIU A R, GLASS K. **Prospective association of childhood attention-deficit/hyperactivity disorder (ADHD) and substance use and abuse/dependence: A meta-analytic review.** Clinical Psychology Review 31 (2011) 328–341

LEITE, M.C. **História da cocaína**. In Leite MC, Andrade AG (Org). Cocaína e crack: dos fundamentos ao tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 15-23, 1999.

LIN, S.J.; EPPS, S.A.; WEST, C.H.; BOSS-WILLIAMS, K.A.; WEISS, J.M.; WEINSHENKER, D. **Operant psychostimulant self-administration in a rat model of depression.** Pharmacol Biochem Behav. v. 23, n.2, p. 380-385, 2012.

LUTHMAN, J.; FREDRIKSSON, A.; SUNDSTROM, E.; JONSSON, G.; ARCHER, T.; **Selective lesion of central dopamine or noradrenaline neuron systems in the neonatal rat: motor behavior and monoamine alterations at adult stage**. Behav Nrain Res., v. 33, p. 267-77, 1989.

MACDONALD, R. L. & OLSEN, R. W. **GABAA receptor channels**. *Annu. Rev. Neurosci.* 17, 569–602,1994.

MCGOUGH J.J.; SMALLEY S.L.; MCCRACKEN J.T.; YANG M.; DEL'HOMME M.; LYNN D.E.; LOO S. **Psychiatric comorbidity in adult attention deficit hyperactivity disorder: findings from multiplex families.** Am J Psychiatry;162(9):1621-7, 2005.

MEHTA, A. K. & TICKU, M. K. **An update on GABAA receptors.** *Brain Res. Brain Res. Rev.* 29, 196–217,1999.

MARIANI, J. J., & LEVIN, F. R. **Treatment strategies for co-occurring ADHD and substance use disorders**. *The American Journal on Addictions*, *16*, 45-56. doi:10.1080/10550490601082783,2007.

MARQUARDT, A.R.; ORTIZ-LEMOS, L.; LUCION, A.B.; BARROS, H.M. **Influence of handling or aversive stimulation during rats' neonatal or adolescence periods on oral cocaine self-administration and cocaine withdrawal**. Behav Pharmacol., v.15, p.403-412, 2004.

MICK, E.; et al. **Attention-deficit/hyperactivity disorder in adults: an overview**. Biological Psychiatry 48, 9–20, 2000.

MRINI A., SOUCY J.P., LAFAILLE F., LEMOINE P., DESCARRIES L., **Quantification of the serotonin hyperinnervation in adult rat neostriatum after neonatal 6-hydroxydopamine lesion of nigral dopamine neurons.** Brain Res. 669 (303– 308), 1995.

MOLINA-HOLGADO E., DEWAR, K.M., DESCARRIES, L., READER T.A, **Altered dopamine and serotonin metabolism in the dopaminedenervated and serotonin-hyperinnervated neostriatum of adult rat after neonatal 6-hydroxydopamine,** J. Pharmacol. Exp. Ther. 270 713– 721, 1994

MOLINA, B. S. G., SMITH, B. H., & PELHAM, W. E. **Interactive effects of attention deficit hyperactivity disorder and conduct disorder on early adolescent substance use.** *Psychology of Addictive Behaviors*, *13*, 348-358. doi:10.1037/0893-164X.13.4.348,1999.

MONTIEL-NAVA, C; PEÑA, J.A.; LÓPEZ, M.; SALAS, M.; ZURGA, J.R.; MONTIEL-BARBERO, I., et al. **Estimaciones de la prevalencia del trastorno por déficit de atención-hiperactividad en niños marabinos.** Rev Neurol.; 35(11):1019-24, 2002.

SIMOLA N., MORELLA M, CARTA A.R., The **6-Hydroxydopamine Model of Parkinson's Disease.** Neurotoxicity Research, 2007, VOL. 11(3,4). pp. 151-167.

NUSSBAUM, N. **ADHD and female specific concerns: a review of the literature and clinical implications. Journal of attention disorders**. v. 16, p. 87 -100, 2012.

NUSSBAUM, N. L. **ADHD and Female Specific Concerns: A Review of the Literature and Clinical Implications.** Journal of Attention Disorders, 16(2) 87– 100, 2011.

OLSEN, R.W.; SIEGHART, W.; **International Union Of Pharmacology. LXX. Subtypes of gamma-aminobutyric acid(a) receptors: classification on the basis of subunit composition, pharmacology, and function update.** Pharmacol Rev, v.60, p.243-260, 2009.

OWENS, D F, KRIEGSTEIN A. R. **Is there more to gaba than Synaptic inhibition?** Volume 3 | september nature reviews | neuroscience,2002.

PEARSON, D.E. **Environmental influences on body weight and behavioral in developing rats after neonatal 6-hydroxydopamine.** Science, v. 209, p.715-717, 1980.

PLISZKA, S.R. **Comorbidity of attention-deficit hyperactivity disorder and over-anxious disorder.** J Am Acad Child Adolesc Psychiatry., v.31, p.197-203, 1992.

PLISZKA, S.R.; LIOTTI, M. & WOLDORFF, M.G. **Inhibitory control in children with attention-deficit /hyperactivity disorder: event-related potentials identify the processing component and timing of an impaired right-frontal response inhibition mechanism**. Biological Psychiatry, v.48, p.238-246, 2000.

PERIS J. **Repeated cocaine injections decrease the function of striatal g-aminobutyric acid A receptors**, J. Pharmacol. Exp. Ther. 276 1002–1008,1996.

PERROTTI, L.I.; BECK, K.D.; LUINE, V.N.; QUIÑONES, V. **Progesterone and Cocaine administration affect Serotonin in the media prefrontal córtex of ovariectomized rats.** Neuroscience Letters, v. 291, p. 155-158, 2000.

PECINS-THOMPSON M., PERIS J., **Behavioral and neurochemical changes caused by repeated ethanol and cocaine administration.** Psychopharmacology (Berl.) 110 443–450;1993.

PLANETA C S. **Animal models of alcohol and drug dependence**. Revista Brasileira de Psiquiatria;35:S140–S146,2013.

PLISZKA, S.R. **The neuropsychopharmacology of attention-Deficit/hyperactivity disorder.** Biol Psychiatry, 2005.

PLISZKA, S.R.; MCCRACKEN, J.T.; MAAS, J.W. **Catecholamines in attention deficit/ hyperactivity disorder: current perspectives.** J Am Acad Child Adolesc Psychiatry, 35(3):254-71, 1996.

POETA, L.S. e NETO, F.R**. Estudo epidemiológico dos sintomas do Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade e Transtornos de Comportamento em escolares da rede pública de Florianópolis usando a EDAH.** Rev Bras Pisquiatr, 26(3):150-5, 2004.

PODKLETNOVA, I.; ALHO, H.; MÄKELÄ, R.; LÜDDENS, H.; HELÉN, P.; KORPI, E.R. **Neonatal 6-hydroxydopamine treatment affects GABA(A) receptor subunit expression during postnatal development of the rat cerebellum.** Int J Dev Neurosci,18(6):565-72, 2000.

PORRINO, L.J.; LYONS, D. **Orbital and medial prefrontal cortex and psychostimulant abuse: studies in animal models.** Cereb Cortex, v. 10, p. 326-33, 2000.

POSNER, M.I.; PETERSEN, S.E**. The attention system of the human brain**. Annu Ver Neurosci., v.13, p.25-42, 1990.

QUIÑONES-JENAB, V.; HO, A.; SCHLUSSMAN, S.D.; FRANCK,J.; KREEK, M.J. **Estrous cycle differences in cocaine-induced stereotypic and locomotor behaviors in Fischer rats.** ,101(1):15-20, 1999.

RANG, H. P. **Farmacologia.** 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 904 p. DEPARTAMENTO DE FARMACOLOGIA,2004.

RESTAK, R.M. **The new brain: How the modern age is rewiring your mind.** Emmaus, PA: Rodale Press, 2003.

RIESGO, R.; ROHDE, L.A. A neurobiologia do TDAH. In: Kapczinski F, Quevedo JL, Izquierdo I, editores. **Bases Neuroquímicas dos Transtornos Psiquiátricos** 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, p 338-40, 2004.

RIGGS PD. **Clinical approach to treatment of ADHD in adolescents with substance use disorders and conduct disorder**. J Am Acad Child Adolesc Psychiatry.;37(3):331–2,1998.

ROBERTS, D.C.; BENNETT, S.A.; VICKERS, G.J. **The estrous cycle affects cocaine self-administration on a progressive ratio schedule in rats.** Psychopharmacology (Berl), v. 98, p. 408-11, 1989.

ROHDE, L.A. e HALPERN, R. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: Atualização.** Jornal de Pediatria, v. 80, Nº2(supl), 2004.

ROHDE, L.A. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade**. Rev Brás Psiquiatr.; 22(Supl 2):SII7-11, 2000

ROTH, M.E.; CARROLL, M.E. **Sex differences in the escalation of intravenous cocaine intake following long- or short-access to cocaine self-administration.** Pharmacology, Biochemistry and Behavior 78 199 – 207,2004.

RUSSO SJ, JENAB S, FABIAN SJ, FESTA ED, KEMEN LM, QUINONES-JENAB V. **Sex differences in the conditioned rewarding effects of cocaine**. Brain Res;970:214–20, 2003.

RUSSELL V A, SAGVOLDEN T, AND JOHANSEN E B, **Animal models of attention-deficit hyperactivity disorder.** *Behavioral and Brain Functions,* 2005.

SADOCK, B.; SADOCK, V.A. **Compêndio de Psiquiatria – Ciência do Comportamento e Psiquiatria Clínica.** 9ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SAGVOLDEN T. **Behavioral validation of the spontaneously hypertensive rat (SHR) as an animal model of Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder (AD/HD).** Neurosci Biobehav Rev;24:31–9, 2000.

SAGVOLDEN T, RUSSELL VA, AASE H, JOHANSEN EB, FARSHBAF M. **Rodent models of Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder.** Biol Psychiatry 2005;57:1239–47.

SAMHSA- **Substance Abuse and Mental Health Services Administration.**

Results of the 2011 National Survey on Drug Use & Health : National Findings. Rockville: Samhsa, 2011.

SHAYWITZ, B.A. **Paradoxical response to amphetamine in developing rats treated with 6-hydroxidopamine**. Nature, v. 261, p.153-155, 1976.

SIEGHART, W.; SPERK, G. **Subunit composition, distribution and function of GABA(A) receptor subtypes.** Curr Top Med Chem, v.2, p.795-816, 2002.

SIMON, J.; WAKIMOTO, H.; FUJITA, N.; LALANDE, M.; BARNARD, E.A. **Analysis of the set of GABA(a) receptor genes in the human genome**. J Biol Chem., v.279, p.41422-41435, 2004.

SMALLEY, S.L.; MCGOUGH, J.J.; DEL'HOMME, M. et al. **Familial clustering of symptoms and disruptive behaviors in multiplex families with attention-deficit/hyperactivity disorder.** J Am Acad Child Adolesc Psychiatry, 39:1135-43, 2000.

SPENCER, T.; BIEDERMAN, J. & WILENS, T. **Attention-deficit/ hyperactivity disorder and comorbidity.** Pediatric Clinics of North America, 46, 915-927. 1999

STAHL, B.A. **Psicofarmacologia: bases neurocientíficas e aplicações clínicas.** Rio de Janeiro: MEDSI, 1998.

STALLER, J.; FARAONE, S.V. **Attention-deficit hyperactivity Disorder in Girls – Epidemiology and management.** CNS Drugs, v. 20, n. 2, p. 107-123, 2006.

STEFANO, G.B.; BIANCHI, E.; GUARNA, M.; FRICCHIONE, G.L.; ZHU, W.; CADET, P.; MANTIONE, K.J.; CASARES, F.M.; KREAM, R.M.; ESCH,T. **Nicotine, alcohol and cocaine coupling to reward processes via endogenous morphine signaling: the dopamine- morphine hypothesis.** Med Sci Monit., v. 13, n. 6, p. 91-102, 2007.

X. XI, E.A. STEIN, **Nucleus accumbens dopamine release modulation by mesolimbic GABA receptors — an in vivo electrochemical study,** Brain Res. 798 156–165, 1998.

SZOBOT, C. M., ROHDE, L. A., BUKSTEIN, O., MOLINA, B. S. G., MARTINS, C., RUARO, P., et al. **Is attention-deficit/hyperactivity disorder associated with illicit substance use disorders in male adolescents? A community-based case-control study.** Addiction, 102, 1122−1130,2007.

SUZUKI T, ABE S, YAMAGUCHI M, BABA A, HORI T, SHIRAISHI H, ITO T. **Effects of cocaine administration on receptor binding and subunits mRNA of GABA(A)-benzodiazepine receptor complexes.** Synapse. 38:198–215. [PubMed: 11018794] 2000.

TAYLOR, E. W. & KELTNER, N. L. **Messy purse girls: Adult females and ADHD**. Perspectives in Psychiatric Care, 38, 69-72, 2002.

THIERRY, A.M.; MANTZ, J.; MILLA, C.; GLOWINSKI, J. **Influence of the mesocortical/prefrontal dopamine neurons on their target cells.** Ann N Y Acad Sci., v.537, p.101-111, 1988.

TWYMAN RE, MACDONALD RL. **Antiepileptic drug regulation of GABA A receptor channels. In GABA Mechanisms in Epilepsy**, ed. G Tunnicliff. BU Raess, Chapter 4 , pp. 89-104. New York: Wiley Liss. 1991.

United Nations Office on Drugs and Crime,***World Drug Report 2014*** (United Nations publication, Sales No. E.14.XI.7). Acesso em 13 de abril de 2015.

VAN DER KOOIJ, M.A. ; GLENNON, J.C. **Animal models concerning the role of dopamine in attention-deficit hyperactivity disorder**. Neurosci Biobehav Rev 31:597-618,2007.

VAN KAMPEN JM, MCGEER EG, STOESSL AJ **Dopamine transporter function assessed by antisense knockdown in the rat: protection from dopamine neurotoxicity**. *Synapse* 37, 171-178,2000.

VANDERSCHUREN LJ, AHMED SH. **Animal studies of addictive behavior.** Cold Spring Harb Perspect Med. 3:a011932,2013.

VENDRUSCOLO, L.F.; TAKAHASHI, R.N. **Comorbidade entre o transtorno de déficit de atenção/hiperatividade e o abuso e dependência de álcool e outras drogas: evidências por meio de modelos animais.** Revista Brasileira de Psiquiatria, 2010.

VOLKOW ND, WANG GJ, FOWLER JS, LOGAN J, FRANCESCHI D, MAYNARD L, et al. **Relationship between blockade of dopamine transporters by oral methylphenidate and the increases in extracellular dopamine: therapeutic implication**s. Synapse 43:181–187,2002.

WEISS, R.D.; MIRIN, S.M.; BARTEL, R.L. **Cocaine**. 2ª ed. Washington – DC: American Psychiatric Press, 1994.

WHISHAW, I.Q. & TOMIE, J.A. **Food wrenching and dodging: a neuroethological test of cortical and dopaminergic contributions to sensorimotor behavior in the rat.** Behav Neurosci., v. 102, p.110-123, 1988.

WILENS, T. E.; BIEDERMAN, J.; BROWN, S., TANGUAY, S. B.; MONUTEAUX, M. C., BLAKE, C. et al. **Psychiatric comorbidity and functioning in clinically referred preschool children and school-age youths with ADHD.** Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry, 41, 262-268, 2002.

WILENS, T. E.; BIEDERMAN, J.; SPENCER, T. J., & FRANCES, R. J**. Comorbidity of attention-deficit hyperactivity and psychoactive substance use disorders.** Hospital and Community Psychiatry, 45, 421-423, 1994.

WILENS, T.E. **Attention-deficit/hyperactivity disorder and the substance use disorders: the nature of the relationship, subtypes at risk, and treatment issues.** Psychiatr Clin North Am., v. 27, p. 283-301, 2004.

WISE R A and KOOB G F. **The Development and Maintenance of Drug Addiction**.

Neuropsychopharmacology 39, 254–262; doi:10.1038/npp.2013.261; published online 6 November 2013.

WISSMAN, A.M.; MCCOLLUM, A.F.; HUANG, G.Z.; NIKRODHANOND, A.A.; WOOLLEY, C.S. **Sex differences and effects of cocaine on excitatory synapses in the nucleus accumbens.** Neuropharmacology,61(1-2):217-27, 2011**.**

YAMAGUCHI M, SUZUKI T, ABE S, BABA A, HORI T, OKADO N. **Repeated cocaine administration increases GABA(B(1)) subunit mRNA in rat brain.** Synapse. 43:175–180. [PubMed: 11793422],2002.

YAMAGUCHI M, SUZUKI T, ABE S, BABA A, Ito T, OKADO N. **Time-course effects of a single administration of cocaine on receptor binding and subunit mRNAs of GABA(A) receptors.** Brain Res Mol Brain Res. 81:155–163. [PubMed: 11000487] 2000.

YANG CR, MOGENSON GJ. **An electrophysiological study of the neural projections from the hippocampus to the ventral pallidum and the subpallidal areas by way of the nucleus accumbens.** Neuroscience 1985;15:1015–24.

YANG CR, MOGENSON GJ. **Ventral pallidal neuronal responses to dopamine receptor stimulation in the nucleus accumbens.** Brain Res;489:237–46,1989.

5 ARTIGO CIENTÍFICO

REVISTA: Behavioural Brain Research

Behavioral and GABAergics effects of oral cocaine self-administration in males and females animals with ADHD.

Laísa de Siqueira Umpierrez [a,b], Tierre Aguiar Gonçales[a], Felipe Borges Almeida[a,b], Maurício Schüler Nin[a,c] Priscila Almeida Costa[a,b], Luana Freese[a,b], Marilise Fraga de Souza[a], Helena Maria Tannhauser Barros [a,b]

[a] *From the Department of Pharmacosciences, laboratory of Neuropsycopharmacology* Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Sarmento Sarmento Leite, 500, PC 90050-170, Porto Alegre, RS, Brazil.

[b] *Graduate Program Healhy of Science*, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Sarmento Leite, 245, PC 90050-170, Porto Alegre, RS, Brazil.

[c] *Centro Universitário Metodista* (IPA)

Abstract

Attention-deficit/hyperactivity disorder frequently co-occurs with substance use disorder (SUD), that is related to altered in the GABAergic pathways. The gender differences influence the symptoms ADHD and substance use. The aim of this study was to investigate the differences between males and females rats in ADHD model on the oral cocaine self-administration and its effects in mRNA expression of $\alpha 1$, $\alpha 2$ e $\gamma 2$ subunits in the prefrontal cortex. ADHD was induced by 6-OHDA intracisternal lesion and the locomotion was evaluated in a locomotor activity test. Oral cocaine solution was offered for 27 days, using the operant self-administration, with different concentrations (0.2mg/ml, 0.3mg/ml and 0.4mg/ml) of cocaine. M

Sham, M 6-OHDA and F Sham increase locomotor after repetead cocaine. 6-OHDA rats had lower reinforcement than sham. M 6-OHDA has lower reinforcement than M S*ham* in all concentrations of cocaine. F 6-OHDA had lower reinforcement than F *Sham*, but it was not significant. F 6-OHDA decreased the reinforcement in higher concentrations of cocaine. The daily dose of cocaine was higher in F *Sham* and this was lower in the F 6-OHDA when increase the cocaine concentration. In these moments M S*ham* and M 6-OHDA had similar daily doses of cocaine. On general, the groups increased the doses with increment of cocaine concentration. The *Sham* and 6-OHDA groups did not show differences in $\alpha 1$, $\alpha 2$ and $\gamma 2$ subunits $GABA_A$ mRNA expression, but we observed direct correlation between three subunits in F *Sham* group and direct correlation between $\alpha 2$ and reinforcement in M 6-OHDA. Our results provide important information about the cocaine reinforcement patterns in animals induced the disorder and the implication of sex in these standards. The paradoxical effect of cocaine does not happen when there is a high consumption of the ADHD animals. The expression of the $GABA_A$ receptor subunits, our findings indicate that there may be significant changes caused by cocaine in animals with ADHD. So we see the need for more studies to verify the consumption of cocaine in male animals and induced ADHD females and changes in $GABA_A$ subunit expression related addition to psychostimulants to elucidate the behavioral and neurochemical bases of the coexistence of these two disorders.

Keywords: ADHD, cocaine self-administration, sex differences, $GABA_A$, Prefrontal cortex

Introduction

Attention-deficit/hyperactivity disorder (ADHD) is a heterogeneous develop-mental disorder characterized by hyperactivity, inattention and impulsivity [1]. The prevalence of ADHD in the population is estimated at 5% in children and 2.5% in adults [1]. This disorder is the result of a possible brain abnormality with malfunctions in the catecholaminergic system, especially involving dopamine and norepinephrine [15].

There are sex differences in the ADHD symptoms [5,3]. Specifically, boys are likely to be more hyperactive and impulsive and to have more comorbid externalizing disorders (e.g., conduct disorder, oppositional defiant disorder), whereas girls are

more likely to be inattentive and to have comorbid internalizing disorders (e.g., anxiety, depression) [6,18].

Animal models are required for the study the nature and basis of these differences [3]. Neonatal dopaminergic lesion by 6-hydroxydopamine (6-OHDA) is the first model recognized to induce hyperactivity in rats [24]. The intracisternal injection of 6-OHDA is toxic to both dopaminergic and noradrenergic neurons and consequently reduces DA/NA neurotransmission in the brain. It is also known that if a ADHD model with only DA deficits is warranted, the NA neurons may be protected by pretreatment with a NA reuptake inhibitor. Behavioural consequences of intracisternal 6-OHDA administration to neonatal rat pups include hyperactivity as well as learning and memory deficits [24,25]. A study from our laboratory showed that hyperactivity may last until adulthood [7]. The lesions are associated with behavioral sex differences. Prefrontal 6-OHDA lesion increased locomotor activity in males, but not in females [26].

Adult ADHD is diagnosed in about a quarter of the patients with substance use dependence [27]. Children with ADHD have an elevated risk of becoming abusers of drugs; mainly of cocaine. One of the explanations for the assotiation is because of the paradoxical effects of psichostimulants which reduce symptoms of the disorder in adolescence and adulthood [28,29]. The paradoxical effect of cocaine may be replicated in the ADHD rats, as seen by a decrease in locomotion when the 6-OHDA animals are offered cocaine in a two-bottle choice self-administration method [2].

Non-ADHD human and animal studies show that drugs of abuse affect males and females differently [30]. Sex differences in the profile of cocaine dependence, for example, have indicated that women, relative to men, transition faster from first use to entering treatment, which may be explained by women abusing cocaine more addictive routes more quickly and reporting a more rapid progression of drug dependence [21,30, 8, 16]. Likewise, as children with ADHD grow, the risk of substance use is higher in females than in males [4]. In animals, studies with rats show that females acquire self-administration and develop conditioned place preference to cocaine in fewer sessions than males [10, 12]. Females also show a greater locomotor response and stronger sensitization to repeated cocaine exposure [17, 31].

Several authors relate the pathophysiology of ADHD with other neural systems, as dysfunction in dopaminergic and noradrenergic systems could result in GABAergic and glutamatergic dysfunction [32, 22, 23]. The hypofunctioning mesolimbic,

mesocortical and nigrostriatal dopamine pathways fail to modulate GABAergic signal transmission appropriately [33, 13, 14]. The dopaminergic lesion results in mRNA expression of diverse $GABA_A$ subunits in the prefrontal cortex (PFC), hippocampus and striatum [2]. It is also known that cocaine changes the release of GABA in the ventral tegmental area (VTA) and alters extracellular GABA levels in the prefrontal cortex after subacute exposure to cocaine [34, 35].

In the clinical setting it is thought that females and individuals with ADHD present a greater risk of cocaine abuse. There is few in neurobiological studies about the sex differences in regard to ADHD and SUD and the possible implications of the GABAergic system and there is lack of information regarding the comparison of cocaine self-administration of males and females in animal models of ADHD. Thus, the aim of this study was to verify the effects of oral cocaine self-administration on behaviors of male and female rats lesioned with 6-OHDA and the correspondent association with $GABA_A$ receptors subunits mRNA in the prefrontal cortex.

Materials and methods

Animals

Nineteen female (± 170g) and nineteen male (± 250g) Wistar rats were obtained from the animal house of the Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Brazil (UFCSPA). Rats were housed in groups of five in polypropylene cages (40 × 33 × 17 cm) under standard environmental conditions, such as temperature-controlled rooms (22±2 ◦C) and a 12-h light/dark cycle (7:00 am to 7:00 pm). All animals received rodent chow and filtered drinking water ad libitum until the beginning of self-administration training. During the self-administration procedures water was restricted 19 hours prior to the sessions.

All in vivo experiments followed the guidelines of the International Council for Laboratory Animal Science (ICLAS) and in concordance with the Brazilian law for the Scientific Use of Animals. This study protocol was approved by the Ethical Committee for Animal Experimental Procedures of UFCSPA, Porto Alegre, Brazil (nº221/13).

Drugs

Cocaine hydrochloride (0,2mg/ml; 0,3mg/ml; 0,4mg/ml - Merck, Alemanha) was diluted in a sucrose solution (1.5%). Desipramine HCl, 6-hydroxydopamine (6-

OHDA.HBr), and ascorbic acid (vehicle) were obtained from Sigma Chemical Co. (St Louis, Missouri, USA). Desipramine was diluted in saline (2mg/ml). A solution containing 6-OHDA (0.1mg/ml) dissolved in Ringer solution containing 0.1 mg/ml ascorbic acid vehicle was administered intracisternally (i.c.).

Procedures

Induction ADHD by lesion 6-OHDA

For each dam, pups were randomly assigned to receive 6-OHDA and others to receive the control solution, according to the sex. On PND4, before receiving lesions, 6-OHDA pups were given intraperitoneal injections of desipramine hydrochloride (20 mg/kg body weight, in 0.1mL) and sham pups were given intraperitoneal saline. After 30 min, sham animals received a 10µL (Hamilton syringe) intracisternal injection of vehicle containing 0.1% (w/v) ascorbic acid and the lesioned group, received the same volume of 6-OHDA solution (100 µg free base), into the cisternal space, with their heads positioned in hiperflexion to expose the suboccipital space. The animals were then returned to their mothers. After 21 days, the pups were weaned. In an earlier study, this procedure consistently produced a 98–99% depletion of dopamine, and desipramine effectively protected norepinephrine neurons from the destructive action of 6-OHDA [24].

Self administration

Apparatus

Experiments in rats were conducted in standard experimental chambers (25x37x28 cm high) made of acrylic and metal with stainless steel rod floor. Each chamber was equipped with two levers located on the same wall, in which only one of them was active. The experimental chambers were placed inside of sound proof timber chambers. The experimental chamber was connected to an infusion pump containing a syringe to infuse the drug solution with appropriate rate of infusion (Insight, Brazil). The pressure in the active lever releases 0.2 ml of solution per 10 seconds. Lever pressure during infusion did not produce a second injection, but lever pressure immediately after completion of the infusion produced another injection. Responses on the inactive lever were recorded, but had no consequences. The computer with the Insight® software controlled the program and recorded data.

Self-administration training sucrose

During 7 day lesioned and sham rats (PND= 50) were trained to press the active lever (left or right, counterbalanced across rats) on a fixed-ratio 1(FR1) schedule for sucrose solution (15.10^{-2}/ml) in operant chambers. The sucrose solution was released on a dispenser. Sucrose solution training sessions lasted for 3 hours. The training sessions ended when the animal was able to hit 85% or higher in the active lever in three consecutive daily sessions. In this training the rats were overnight with water restriction. The three hour sessions were conducted daily Monday–Saturday.

Cocaine Self-administration

After the training sessions the animals were assigned to the cocaine self-administration sessions, for 27 days, also on a FR1 schedule, lasting for 3 hours or until rats received 200 drug infusions. During the first 9 days, each active lever press resulted in cocaine 0,2mg/ml infusion. The concentration of the cocaine solution was changed to 0.3 mg / ml in the tenth day of session, and to 0.4 mg / ml on the nineteenth day session until the 27th session.

Behaviour analysis

Locomotor Activity

Locomotor Activity was used to measure the spontaneous activity of 6-OHDA and *sham* rats. Each automated device, consisting of rodent test chambers (80 x 26 x 22 cm; Alsbarch, Porto Alegre, BR) each placed within 4 series of infra-red beams. It was registered by the low grid of infra-red beams. The photocell cage was coupled to a digital counter. Each rat was allowed to remain in the test chamber for 20 min, of which the first 5 min period were considered ambiance [9].

We evaluated the behavior of animals in the locomotion chamber before beginning of self-administration (basal-PND 45-50) and 26th of cocaine to verify if there was an alteration of hyperactive behaviors in male and female rats, as observed in oral cocaine intake reduces hyperactivity in male rats [2].

Real-time quantitative PCR (qPCR)

Reverse transcription combined with real-time quantitative PCR (qPCR) and the 2− ΔΔCT method was used to determine relative gene expression of $GABA_AR$ γ_2, α_1 e α_2 subunit in the prefrontal cortex. Total RNA was extracted from the prefrontal cortex using the TrizolTM Isolation Reagent Kit (Life Technologies, Carlsbad, CA, USA) according to the manufacturer's instructions, and samples were stored at −80 ◦C. cDNA was synthesized using SuperScript III (Life Technologies, Carlsbad, CA, USA). DNA was quantified by using a NanoDrop spectrophotometer (Thermo Fisher Scientific, Wilmington, DE, USA). qPCR analysis was performed at least in duplicate using the StepOnePlus Real-Time PCR System (Life Technologies, Carlsbad, CA, USA). The set of primers for $GABA_A$ γ_2 subunit (sense: 5 - GACGATGACCACTCTCAGCA-3 and antisense: 5 - ACAGTCCTTGCCATCCAAAC-3), α_2 subunit (sense: 5 - GACAATGACCACATTAAGCATCAG- 3 and antisense: 5 - GAGAACAAGCCAGCCGAAGCCAAGA-3), α_1 subunit (sense: 5 - AAGGACCCATGACAGTGCTC-3 and antisense: 5 - GGCTCCCTTGTCCACTCATA-3), and β-actin (endogenous control) (sense: 5 - TGTGATGGTGGGAATGGGTCAG-3 and antisense: 5 - TTTGATGTCACGCACGATTTCC-3) was chosen from *Rattus norvegicus* data from the National Center for Biotechnology Information. The reaction contained 50 ng cDNA, 2× Power SYBR Green PCR Master Mix (Life Technologies, Carlsbad, CA, USA), and 0.17μM of each primer. The genes were amplified with an initial denaturation at 95 °C for 10 min followed by 40 cycles at 95 °C for 15 s and 60 °C for 1 min and were succeeded by the melting curve stage.

We performed this analysis to know if there was any correlation between the behavior and the $GABA_A$ subunits mRNA levels.

Statistical analyses

For the analysis of locomotion activity basal, we used a Two Way ANOVA, considering factors lesion/sex and day. For the analysis of cocaine effects on locomotion behavior, we used a Two Way RM ANOVA, considering factors cocaine treatment days (baseline, cocaine day 26) and sex (female or male). For the analysis of

self-administration parameters, we used a Two Way ANOVA, considering factors sex (female or male) and lesion/solution concentration. For the analysis of self-administration parameters, we used a Two Way RM ANOVA, considering factors sex (female or male), day (1 to 27) and lesion. The Tukey test was used for post hoc comparisons when appropriate. For the analyses of *qPCR* was used Two Way ANOVA, with sex and lesion as factors. For the analyses of correlation between parameters was used Pearson Correlation. All data were presented as means ± standard error of the mean. Differences were considered significant at $P < 0.05$. The Sigma Stat program (Jandel Scientific Co., v. 3.2, San Jose, USA) was used.

Results

Effects 6-OHDA lesion on locomotor activity

Our results showed that the neonatal dopaminergic lesion increased the overall locomotion in the 6-OHDA animals ($F_{(1,34)} = 5.901$, $P = 0.021$) (Fig.1). It is also seen that the locomotor activity of the female rats was higher than the male rats ($F_{(1,34)} = 5.901$, $P = 0.021$) maily because hyperlocomotion due to 6-OHDA is seen in male rats, while *Sham* males have lower locomotor activity than *Sham* females (Fig.1).

Effects of cocaine self-administration on locomotor activity

As showed in Fig.2, we found differences between the locomotion days ($F_{(1, 27)} = 35.05$, $P < 0.001$) and interaction between group vs. day of locomotion ($F_{(3, 27)} = 3$, $P = 0.048$). We detected an increased of locomotor activity level on 26th day, when compared to baseline day within M 6-OHDA group ($P = 0.016$). In the F 6-OHDA group we not found differences between days. The locomotion on the 26th days was higher than of baseline day within M *Sham* group ($P< 0.001$). The female rats sham also had increase of locomotion on the 26th of test ($P = 0.019$).

Oral Cocaine self-administration

The Fig.3 shows the daily cocaine reinforcement mean in 27 days. The reinforcement mean was higher in the sham rats than of the 6-OHDA rats ($F_{(1, 34)} =$

6.81, *P* = 0.013).

Significant interaction was detected between groups with concentration of cocaine ($F_{(9,1.221)}$ = 5.41, *P* < 0.001). These results are shown in Fig. 4. The reinforcement of M 6-OHDA group was lower than M *Sham* in all concentrations (P < 0.001). F *Sham* group had lower reinforcement than M *Sham* in 0 and 0.2 concentration of cocaine (P < 0.001). F 6-OHDA showed an increase of reinforcement in concentration 0 cocaine when compared to F *Sham* (P = 0.003). The reinforcement number was higher in F 6-OHDA than the M 6-OHDA in concentrations 0, 0.3 and 0.4 (P < 0.05). The M *Sham* group presented a decrease of reinforcement in the concentration of 0.3 and 0.4 when compared to 0.2 (P < 0.001) and a decrease in the concentration 0.4 when compared to 0 (P < 0.05). In the F 6-OHDA group the reinforcement number decreased too when compared the 0 concentration to 0.3 and 0.4 (P<0.05). There was no difference in the M 6-OHDA and F *Sham* groups between the concentrations.

Our results showed a significant interaction between group and day when we analyzed the cocaine intake between day 1 and day 27 ($F_{(78,571)}$ = 1.791, P = 0.035). Within the M *Sham,* M 6-OHDA and F 6-OHDA groups there are no difference doses between days. Only F *Sham* group show doses differences between days: on the day 23 the cocaine intake was higher than day 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 16, 17 and 18; on the day 24 the dose intake was higher than day 2, 4, 7, 8, 10, 16 and 18 and on the day 26 the cocaine intake was higher than the day 4 and 8 ($F_{(26,571)}$ = 1.791, P < 0.001).

The statistical analyses detected that the F *Sham* group had more cocaine intake than F 6-OHDA and M *Sham* on the days 13(P = 0.003 and P = 0.013), 23 (P = 0.002 and P = 0.009), 24 (P = 0.029 and P = 0.017) and 27 (P = 0.029 and P = 0.022) ($F_{(78,571)}$ = 1.791, P = 0.035).

Subunits $GABA_A$ mRNA expression

There was no difference in PFC α_1, α_2 and γ_2 subunit mRNA expression between groups. Nevertheless, we found a strong positive correlation between α_1/α_2 (r = 0.860; *P*= 0.013) and $\alpha 1/\gamma 2$ (r = 0.834; P 0.020) within F *Sham* group. Furthermore, the analyzed showed that there is a strong positive correlation between α_2 mRNA expression with reinforcement (r = 0.828; *P* = 0.042).

Discussion

According to studies in humans with ADHD, who present higher risk of cocaine self-administration, we expected to see higher cocaine reinforcement in our model with 6-OHDA-lesioned animals [27,28,29]. Our data are different from our expectations. In this study we showed that male and female rats in the ADHD model do not present higher reinforcement in an oral cocaine operant self-administration paradigm in comparison to non-lesioned animals.

It was observed that normal male rats increased lever pressing in the oral cocaine self-administration paradigm and when higher doses were presented the lever presses decreased. Other study in normal rats indicates that the number of lever presses decreases with the increase of cocaine concentration in e.v. self-administration [58]. Thus, the animals compensate the increase of the dose with the decrease of lever presses in order to maintain a specific concentration of drug in blood and brain [59]. In ADHD males the reinforcing pattern is lower than in normal males and does not change with the increase of cocaine concentration, ie, 6-OHDA males do not significantly alter the demand for reinforcement. Insufficient dopamine in the mesolimbic region decreases cocaine reinforcement [60, 61]. Bilateral 6-OHDA-induced lesions into the nucleus acumbens produced large and long-lasting decreases in operant responding for cocaine [60].

Differently from the male rats, both non-lesioned and 6-OHDA-lesioned females present similar cocaine reinforcement. Therefore, in females the dopamine insufficiency does not alter responses to different doses cocaine in the oral self-administration paradigm. In line with epidemiological data on human and preclinical findings from animals, the ADHD female rats appear to be more sensitive to the reinforcing effects of cocaine as reflected by the acquisition of self-administration [10; 63]. In our study, ADHD female rats, present higher reinforcement in oral cocaine self-administration than the ADHD males. With these data we can speculate that the brain of female rats can be protected of neurotoxin or there is a difference in neuromodulation of the reward system with the growth of females and consequent release of female sex hormones [40].

As reviewed in other studies [62] one would expect that normal non-lesioned females would present higher lever-press responding than the males. This was not

the case with the oral cocaine self-administration. Male rats responded at higher rates than females. Other studies have also failed to observe the female supremacy in cocaine consumption and different explanations are presented referring to methodological issues associated with the observation of the differences between sexes, such as cocaine doses, the fixed ratio (FR1) of reinforcement and the complexity of testing schedules [63, 64]. On the other hand, the daily amount of cocaine consumed increased faster and was higher for non-ADHD females than their male counterparts, confirming the results that implicate the female gonadal hormones on the biological basis for higher behavioral sensitization, faster acquisition and higher conditioned rewarding effects of cocaine in females [10, 12, 17 , 31, 62].

Our results show a pattern of simple inverse relationship between lever pressing behavior and the total amount of cocaine injected, ie, a dose-dependent decrease in lever pressing behavior occurred as the dose of cocaine was increased [64]. The present study shows that when the concentration of cocaine was increased to 0.3 mg / mL all groups, with exception of 6-OHDA-lesioned females, they increase the cocaine intake. The normal male rats and 6-OHDA-lesioned males seem to differ in daily dose of cocaine only when the cocaine concentration is lower, the intermediate concentration of these animals have the same pattern daily dose of cocaine consumed. This is not seen between normal and 6-OHDA-lesioned females, which begin to differentiate at this moment, with normal non lesioned females having higher consumption than the ADHD females.

Some studies of cocaine self administration were conducted to date in animals induced to ADHD by intracisternal injection of 6-OHDA. One of the studies that corroborate our results, it was used the bilateral 6-OHDA injection directly model into the ventral tegmental area, and showed that the lesioned male decrease cocaine infusions when compared to non-lesioned males [42]. In one study that the rats received either bilateral injections of 6-OHDA into the medial prefrontal cortex (mPFC) after stable response patterns were obtained, the lesions did not affect either the rate or pattern of intravenous cocaine self-administration,ie, the lesion fail to influence intravenous self-administration of cocaine, suggesting that mPFC does not appear to be a critical substrate for the maintenance of cocaine self-administration [55]. Other study measured the effect of 6-OHDA lesion of the *nucleus accumbens* (NAc) on lever-press behavior before and during cocaine self-administration. Its results showed that destruction of DA terminals in the NAc decreased the total intake

of cocaine during the self-administration sessions and impaired discriminative lever-responding for the drug, both during cocaine self-administration. It is concluded that DAergic systems in the NAc might be involved in the reinforcement and/or motivational processes underlying cocaine self-administration [56].

The ADHD model of neonatal 6-OHDA lesion is more often studied in male rodents and is known to induce hyperactive in comparison to sham-lesioned rats. Several studies showed that the presynaptic neurotoxin 6-OHDA administered intraventricularly to neonatal rats causes considerable and long-lasting locomotor hyperactivity in juvenile and adult rats [24, 36, 25, 7,2]. In our case the increased locomotion seems to be mainly seen in males, while females are naturally more active rendering that 6-OHDA-lesioned and normal non-lesioned rats present similar high locomotor activity, as described by other authors [26,37]. The lack of behavioral motor activity change in females due to 6-OHDA may be due to sex-specific effects of 6-OHDA and female sex hormones. In humans, most girls/women with ADHD do not show motor hyperactivity as intense as seen in boys/men [26].

Unlike the results found previously in our lab, where cocaine had a paradoxical effect on the 6-OHDA-lesioned male rats, reversing the motor hyperactivity when cocaine was consumed orally in a two-bottle choice paradigm, in this study we found an increase in locomotor activity after oral cocaine [2]. Probably, this occurred because of the methods differences. In the previous study the two bottle choice technique was used for oral cocaine self-administration and open field test for examining the locomotor activity of the animals, while in our study we used the operant chambers for cocaine self-administration and the horizontal chambers to measure locomotor activity. The two bottle choice method allowed the animals to consume around 3 times less cocaine [2] than in the present study with the operant behavior. Because the animals were more reinforced and received higher doses of cocaine over a shorter period of time with the operant self-administration in this study, one may propose that the paradoxical effect was not observable due to the higher doses of cocaine consumed. Another study that performed the same dopaminergic lesion showed that low doses of methylphenidate reduces hyperactivity of lesioned rats by neurotoxin 6-OHDA. The other hand, these authors found that higher doses of methylphenidate produced potentiated levels of locomotion [38]. Other studies have tested the impaired locomotor activity after psychostimulant administration. A study carried out injection directly into 6-OHDA mCPF and found that the locomotor

response was dose-dependent in these animals with lesions, ie, since the dose of cocaine is increased, the locomotor activity increases [51]. In another study, the injection was made directly in the caudate nucleus, and after amphetamine injection locomotor activity decreased, however after 14 days of psychostimulant administration locomotor activity increased to levels similar to those of the sham group. [52]

The paradoxical effects may be due to increased extracellular dopamine concentration caused by psychostimulant which can reverse the hypofunction of the mesolimbic dopaminergic pathway destroyed by 6-OHDA, thus attenuating hyperactivity model of ADHD [22]. Moreover, the results of our study showing the increased mobility after a long period of high doses of cocaine self-administration might be explained by the fact that 6-OHDA have only 20% of intact dopaminergic neurons, rendering higher susceptibity to dopamine binding [53,57]. Therefore higher doses of cocaine inhibit reuptake and allow higher extrasynaptic concentration of dopamine and, consequently, greater chances for dopamine binding to upregulated D-2 [53,54] receptors, causing increased locomotor response to the psychostimulant.

Although there are no significant differences between ADHD and normal animals of the different GABA subunits, we can see that, except for $\alpha 2$ subunits in male rats, the mRNA subunit expressions are lower when the animals are lesioned. Even though we cannot see a significant change in mRNA expression, it may be suggested that the increase in the number of animals per group would show decreased expression of $\alpha 1$ and $\gamma 2$ subunits in the prefrontal cortex in ADHD males, as well as an increase expression of $\alpha 2$ mRNA. This apparent increase may be caused by high doses of cocaine consumed for animals, unlike the previous study from our laboratory where there was an attenuated of expression in self-administration of low doses of cocaine in ADHD males [2]. Our study showed differences between the groups when considering the correlations between the subunits and cocaine reinforcement. Only normal non-lesioned females demonstrated the correlation subunit $\alpha 1$, $\alpha 2$ and $\gamma 2$. Thus, it can be suggested that the lesion with 6-OHDA in females interfere in correlation expressions of $GABA_A$ subunits. Do not has correlation in lesioned males, thus it is suggested that the finding between sham females after use of high doses of cocaine is related to the presence of female sex hormones. With our results, we cannot consider that cocaine

increases the expression of $GABA_A$ subunits in the non-lesioned animals after high doses of cocaine, but for most sex pairs lesioned or non-lesioned, these animals seems to increase expression, contrary to what was seen in a study where the GABA receptors of intact rats decreased of expression subunits, after repeated injections of cocaine [43,44]. Subunits $GABA_A$ expression may change after exposure to cocaine, due the intense release of dopamine. Several studies show that there may be increased or decreased subunits $GABA_A$ expression depending of the brain region analyzed and the time of exposure to cocaine. For example, 1 h after the injection of cocaine in cortex, cerebellum and striatum there is an increase of $\alpha 1, \beta 2$ and $\beta 3$-$GABA_A$ mRNA [45]. In other hand, after 14 days chronic treatment with cocaine, the subunit $\beta 3$ $GABA_A$ expression was decreased in the cortex, caudate and putamen [46]. 6-OHDA lesioned male rats exposed to 23 days chronic treatment with cocaine had decrease subunit $\alpha 2$, $\alpha 4$ and $\beta 2$ $GABA_A$ expression in the prefrontal cortex, while $\beta 2$ subunit was attenuated after oral cocaine. We cannot assert that the sham animals in this study had changes in mRNA expression after cocaine self-administration because we do not have non-lesioned group that not receiving cocaine, but studies have shown that the subunits $\alpha 1$ and $\alpha 2$ are the most involved in behavior after the use of drugs in non-lesioned animals [47,48]. Between ADHD and normal males there was also difference in the correlation between variables. Contrary to what happened in females, ADHD animals showed correlation between variables. In these animals, the expression of $\alpha 2$ subunit is positively correlated with reinforcement. This is in accordance with the literature because studies show that the $\alpha 2$ subunit has very important role in drug addiction, particularly cocaine, because it is directly involved in reward-related behaviors such as behavioral sensitization to psychostimulants [49,50].

Therefore, in this other study in our laboratory was seen that hyperactivity of 6-OHDA-lesioned rats is associated with alterations in the functioning of the GABAergic system suggesting that cocaine at low doses reverses behavioral changes in animals hyperactive attenuate defects in the inhibition system induced by 6-OHDA [2], so in our case, it is suggested that high doses of cocaine self-administered in 6-OHDA-lesioned animals do not have the capacity to attenuate the GABA system defects generated by 6-OHDA.

Conclusion

Our results provide important information about differences in drug reinforcing patterns in animals, males and females, induced to ADHD and the implication of sex on these patterns. We also show that the paradoxical effect of cocaine does not happen when there is a high consumption of this substance by ADHD animals. While we cannot add clear information about the higher doses of cocaine effects on the $GABA_A$ receptor subunits expression, our findings provide clues that there may be changes caused by cocaine use in animals that have dopaminergic lesions. Therefore, there is need for more studies to verify self-administration of cocaine through different routes in male and female animals induced to ADHD and how changes in $GABA_A$ subunit expression may be related to psychostimulants addiction.

Conflict of interest

The authors have no conflict of interest.

Acknowledgments

The authors thank the support from CNPq (HMTB) and the fellowships from CAPES (LSU).

References:

[1] American Psychiatric Association. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. 5th ed. Washington: American Psychiatric Association; 2014.

[2] Azeredo LA, Marquardt AR, Frazzon APG, Barros, HM. Cocaine reverses the changes in GABAA subunits and in glutamic acid decarboxylase isoenzymes mRNA expression induced by neonatal 6-OHDA. Behavioural Pharmacology,2010. 21:343-52.

[3] Bucci DJ, Hopkins ME, Keene CS, Sharma M, Orr LE .Sex differences in learning and inhibition in spontaneously hypertensive rats. Behav Brain Res,2008. **187**:27-32

[4] Disney ER, Elkins IJ, Mcgue M, et al. Effects of ADHD, conduct disorder, and gender on substance use and abuse in adolescence. Am J Psychiatry,1999.156:1515–1521

[5] Faraone SV, Biederman J, Keenan K, Tsuang MT A family-genetic study of girls with DSM-III attention deficit disorder. *Am J Psychiatry*,1991. **148**:112–7

[6] Gaub M, Carlson CL. Gender differences in ADHD: a metaanalysis and critical review. Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry,1997. **36**:1036–1045

[7] Guardiola A, Saibro L, Coronel A, Rotta NT, Barros, HMT. Effects Of Imipramine On Hyperactivity Produced By Neonatal Treatment With 6-Hydroxydopamine. Medical Science Research ,1993.**21**:179-18

[8] Kerstetter KA, Kippin TE. Impact of Sex and Gonadal Hormones on Cocaine and Food Reinforcement Paradigms. J Addict Res Ther. 2011 Dec 20;S4(2). pii: 2963.

[9] Luthman J, Bassen M, Fredriksson A, Archer T. Functional changes induced by neonatal cerebral 6-hydroxydopamine treatment: effects of dose levels on behavioral parameters**.** Behavioural Brain Research ,1997.**82:** 213-221

[10] Lynch WJ, Carroll ME. Sex differences in the acquisition of intravenously self-administered cocaine and heroin in rats. Psychopharmacology (Berl),1999. **144**:77–82

[11] Rhee SR, Waldman ID, Hay DA, Levy F. Aetiology of sex differences in the prevalence of DSM-III-R ADHD: A comparison of two models. In: Levy F, Hay DA, editors. Attention, Genes, and ADHD. Philadelphia: Brunner-Routledge,2001.

[12] Russo SJ, Jenab S, Fabian SJ, Festa ED, Kemen LM, Quinones-Jenab V. Sex differences in the conditioned rewarding effects of cocaine. Brain Res. 2003 Apr 25;970(1-2):214-20.

[13] Sagvolden TEB, Johansen G, Wøien S, Walaas J, Storm- Mathisen LH, Bergersen O, Hvalby V, Jensen AH, Russell VA, Killeen PR, Dasbanerjee T, Middleton FA, Faraone SV. The spontaneously hypertensive rat model of ADHD—The importance of selecting the appropriate reference strain. Neuropharmacology. 2009 Dec;57(7-8):619-26.

[14] Sagvolden T, Russel VAl, Aase H, Johansen EB, Farshbaf M. Rodent models of attention-deficit/hyperactivity disorder. Biol Psychiatry. 2005 Jun 1;57(11):1239-47.

[15] Sadock B, Sadock VA. Compêndio de Psquiatria – Ciência do Comportamento e Psiquiatria Clínica. 9th Ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

[16] SAMHSA- Substance Abuse and Mental Health Services Administration. Results of the 2011 National Survey on Drug Use & Health: National Findings. Rockville: Samhsa,2011.

[17] Sircar R, Kim D. Female gonadal hormones differentially modulate cocaine-induced behavioral sensitization in Fischer, Lewis, and Sprague-Dawley rats. J Pharmacol Exp Ther. 1999 Apr;289(1):54-65.

[18] Van Der Kooij MA, Glennon JC. Animal models concerning the role of dopamine in attention-deficit hyperactivity disorder. Neurosci Biobehav Rev. 2007;31(4):597-618. Epub 2007 Jan 23.

[19] van Emmerik-van Oortmerssen K, van de Glind G, van den Brink W, Smit F,

Crunelle CL, Swets M, Schoevers RA. Prevalence of attention-deficit hyperactivity disorder in substance use disorder patients: a meta-analysis and meta-regression analysis. Drug Alcohol Depend. 2012 Apr 1;122(1-2):11-9.

[20] Volkow ND, Wang GJ, Fowler JS, Logan J, Franceschi D, Maynard L, Ding YS, Gatley SJ, Gifford A, Zhu W, Swanson JM. Relationship between blockade of dopamine transporters by oral methylphenidate and the increases in extracellular dopamine: therapeutic implications. Synapse. 2002 Mar 1;43(3):181-7.

[21] Westermeyer J, Kopka S, Nugent S. Course and severity of substance abuse among patients with comorbid major depression. Am J Addict. 1997 Fall;6(4):284-92.

[22] Pliszka, SR. Comorbidity of attention-deficit hyperactivity disorder and overanxious disorder**.** J Am Acad Child Adolesc Psychiatry. 1992 Mar;31(2):197-203.

[23] Pliszka SR, Liotti M & WOLDORFF MG. Inhibitory control in children with attention-deficit /hyperactivity disorder: event-related potentials identify the processing component and timing of an impaired right-frontal response inhibition mechanism. Biol Psychiatry. 2000 Aug 1;48(3):238-46.

[24] Shaywitz BA, Yager RD, Klopper JH. Seletive brain dopamine depletion in developing rats: an experimental model of minimal brain dysfunction. Science. 1976 Jan 23;191(4224):305-8.

[25] Archer T, Danysz W, Fredriksson A, Jonsson G, Luthman J, Sundström E, Teiling A. Neonatal 6-hidroxidopamine –induced dopamine depletions: motor activity and performance in maze learnin**g**. Pharmacol Biochem Behav. 1988 Oct;31(2):357-64.

[26] Rezvani AH, Eddins D, Slade S, Hampton DS, Christopher NC, Petro A, Horton K, Johnson M, Levin ED. Neonatal 6-hydroxydopamine lesions of the frontal cortex in rats: persisting effects on locomotor activity, learning and nicotine self-administration. Neuroscience. 2008 Jun 26;154(3):885-97.

[27] van Emmerik-van Oortmerssen K, van de Glind G, van den Brink W, Smit F, Crunelle CL, Swets M, Schoevers RA. Prevalence of attention-deficit hyperactivity disorder in substance use disorder patients: a meta-analysis and meta-regression analysis. Drug Alcohol Depend. 2012 Apr 1;122(1-2):11-9

[28] Gainetdinov RR, Wetsel WC, Jones SR, Levin ED, Jaber M, Caron MG. Role of serotonin in the paradoxical calming effect of psychostimulants on hyperactivity. Science. 1999 Jan 15;283(5400):397-401.

[29] Augustyniak PN, Kourrich S, Rezazadeh SM, Stewart J, Arvanitogiannis A. Differential behavioral and neurochemical effects of cocaine after early exposure to methylphenidate in an animal model of attention deficit hyperactivity disorder. Behav Brain Res. 2006 Feb 28;167(2):379-82.

[30] Becker JB, Hu M. Sex differences in drug abuse. Front Neuroendocrinol. 2008 Jan;29(1):36-47. Epub 2007 Aug 24.

[31] Festa ED, Quinones-jenab V. Gonadal hormones provide the biological basis for sex differences in behavioral responses to cocaine. Horm Behav. 2004 Dec;46(5):509-19.

[32] Posner MI, Petersen SE. The attention system of the human brain: 20 years after.Annu Rev Neurosci. 2012;35:73-89.

[33] Arnsten AF. Fundamentals of attention- deficit/hyperactivity disorder: circuits and pathways. J Clin Psychiatry. 2006;67 Suppl 8:7-12.

[34] Cameron DL, Williams JT. Cocaine inhibits GABA release in the VTA through endogenous 5-HT. J Neurosci. 1994.Nov;14(11 Pt 1):6763-7.

[35] Bourdelais A.J, Deutch A.Y. The effects of haloperidol and clozapine on extracellular GABA levels in the prefrontal cortex of the rat: an in vivo microdialysis study, Cereb. Cortex ,1994.4 69–77

[36] Amini, B., Yang, P.B., Swann, A.C., Dafny, N.Differential locomotor responses in male rats from three strains to acute methylphenidate. International Journal of Neuroscience,2004.114, 1063–1084

[37] Freund N, Macgillivilray HT, Thompson BS, Lukkes JL, Stanis JJ, Brenhouse HC, Andersen SL. Sex-dependent changes in ADHD-like behaviors in juvenile rats following cortical dopamine depletion. Behav Brain Res. Aug 15,2014;270:357-63.

[38] Luthman J, Fredriksson A, Lewander T, Jonsson G, Archer T. Effects of d-amphetamine and methylphenidate on hyperactivity produced by neonatal 6-hydroxydopamine treatment. Psychopharmacology (Berl). 1989;99(4):550-7.

[39] Breese GR, Knapp DJ, Criswell HE, Moy SS, Papadeas ST, Blake Bl. The neonate-6-hydroxydopamine-lesioned rat: a model for clinicalneuroscience and neurobiological principles. Brain Res Brain Res Rev. Feb,2005.;48(1):57-73

[40] Dluzen D, Horstink M. Estrogen as neuroprotectant of nigrostriatal dopaminergic system: laboratory and clinical studies. Endocrine. Jun,2003;21(1):67-75,

[41] Disshon KA, Dluzen DE. Estrogen reduces acute striatal dopamine responses in vivo to the neurotoxin MPP+ in female, but not male rats. Brain Res. Jun 2000;868(1):95-104

[42] Roberts DC, Koob GF. Disruption of cocaine self-administration following 6-hydroxydopamine lesionsof the ventral tegmental area in rats. Pharmacol Biochem Behav, Nov 1982. ;17(5):901-4

[43] Pecins-Thompson M., Peris J., Behavioral and neurochemical changes caused by repeated ethanol and cocaine administration. Psychopharmacology (Berl.);1993. 110 443–450

[44] Peris J. Repeated cocaine injections decrease the function of striatal g-

aminobutyric acid A receptors, J. Pharmacol. Exp. Ther,1996. 276 1002–1008.

[45] Yamaguchi M, Suzuki T, Abe S, Baba A, Ito T, Okado N. Time-course effects of a single administration of cocaine on receptor bindingand subunit mRNAs of GABA(A) receptors. Brain Res Mol Brain Res. Sep, 2000;81(1-2):155-63

[46] SUZUKI T, ABE S, YAMAGUCHI M, BABA A, HORI T, SHIRAISHI H, ITO T. Effects of cocaine administration on receptor binding and subunits mRNA of GABA(A)-benzodiazepine receptor complexes. Synapse,2000. 38:198–215.

[47] Engin E, Liu J, Rudolph U. α2-containing GABA(A) receptors: a target for the development of novel treatment strategies for CNS disorders. Pharmacol Ther. Nov, 2012;136(2):142-52.

[48] Morris HV, Dawson GR, Reynolds DS, Atack JR, Rosahl TW, Stephens DN. Alpha2-containing GABA(A) receptors are involved in mediating stimulant effects of cocaine. Pharmacol Biochem Behav. Jul,2008;90(1):9-18.

[49] Dixon CI, Morris HV, Breen G, Desrivieres S, Jugurnauth S, Steiner RC, Vallada H, Guindalini C, Laranjeira R, Messas G, Rosahl TW, Atack JR, Peden DR, Belelli D, Lambert JJ, King SL, Schumann G, Stephens DN. Cocaine effects on mouse incentive-learning and human addiction are linked to alpha2 subunit containing GABAA receptors. Proc Natl Acad Sci USA,2010.107(5):2289-94.

[50] Dixon CI, Halbout B, King SI, Stephens DN. Deletion of the GABAA α2-subunit does not alter self administration of cocaine or reinstatement of cocaine seeking. Psychopharmacology (Berl). Jul,2014.;231(13):2695-703.

[51] Beyer CE, Steketee JD. Dopamine depletion in the medial prefrontal cortex induces sensitized likebehavioral and neurochemical responses to cocaine. Brain Res. 1999 Jul 3;833(2):133-41.

[52] Kelly PH, Sevious PW, Iversen SD. Amphetamine and apomorphine responses in the rat following 6-OHDA lesions of the nucleus accumbens septi and corpus striatum. Brain Res 1975;94:507–22.

[53] Kostrzewa RM. Dopamine receptor supersensitivity. Neurosci Biobehav Rev. 1995 Spring;19(1):1-17.

[54] Creese I, Burt DR, Snyder SH. Dopamine receptor binding enhancement accompanies lesion induced behavioral supersensitivity. Science. 1977 Aug 5;197(4303):596-8.

[55] Martin-Iverson MT, Szostak C, Fibiger HC. 6-Hydroxydopamine lesions of the medial prefrontal cortex fail to influence intravenous self-administration of cocaine. Psychopharmacology (Berl). 1986;88(3):310-4.

[56] Gerrits MA, Van Ree JM. Effect of nucleus accumbens dopamine depletion on motivational aspectsinvolved in initiation of cocaine and heroin self-administration in rats. Brain Res. 1996 Mar 25;713(1-2):114-24.

[57] Schenk S, Horger BA, Peltier R, Shelton K. Supersensitivity to the reinforcing effects of cocaine following 6-hydroxydopamine lesions to the medial prefrontal cortex in rats. Brain Res. 1991 Mar 15;543(2):227-35.

[58] Balster, R.L. and Schuster, C.R., Fixed-interval schedule of cocaine reinforcement: effect of dose and infusion duration, J. Exp. Anal. Behav., 20 (1973) 119-129.

[59] Pettit HO, Justice JB Jr. Effect of dose on cocaine self-administration behavior and dopamine levels in the nucleus accumbens. Brain Res. 1991 Jan 18;539(1):94-102.

[60] Roberts DC, Corcoran ME, Fibiger HC. On the role of ascending catecholaminergic systems in intravenous self-administration of cocaine. Pharmacol Biochem Behav. 1977 Jun;6(6):615-20.

[61] Wise RA. Brain reward circuitry: insights from unsensed incentives. Neuron. 2002 Oct 10;36(2):229-40.

[62] Souza MF, Couto-Pereira NS, Freese L, Costa PA, Caletti G, Bisognin KM, Nin MS, Gomez R, Barros HM. Behavioral effects of endogenous or exogenous estradiol and progesterone on cocaine sensitization in female rats. Braz J Med Biol Res. 2014 Jun;47(6):505-14.

[63] Lynch WJ. Acquisition and maintenance of cocaine self-administration in adolescent rats: effects of sex and gonadal hormones. Psychopharmacology (Berl). 2008 Apr;197(2):237-46.

[64] Caine, S.B., Bowen, C.A., Yu, G., Zuzga, D., Negus, S.S., Mello, N.K., 2004. Effect of gonadectomy and gonadal hormone replacement on cocaine self-administration in female and male rats. Neuropsychopharmacology 29, 929—942.

Legends

Figura1: Differences in locomotor activity responses of young adult 6-OHDA/*Sham* during 15 min test in female and male rats. Locomotor activity was significantly increased in 6-OHDA lesioned rats. Means ± SE are presented. * $P = 0.021$.

Figure 2: Locomotor activity after oral cocaine self-administration. Locomotor activity was significantly different in the 26th day from baseline in M 6-OHDA, M *Sham* and F *Sham* * $P < 0.05$. Means ± SE are presented.

Figure 3: Daily of number of infusions mean was lower in 6-OHDA lesioned rats. * $P = 0.013$. Means ± SE are presented.

Figure 4: Daily lever pressing for cocaine solution delivery mean per concentration. * $P < 0.001$, different from M *Sham.* ** $P < 0.001$, different from M 6-OHDA. ^^ $P =$

0.003, different from F *Sham*. Means ± SE are presented.

Figure 5: Daily cocaine intake mean per group during 3 hours. * $P < 0.05$, different from F 6-OHDA and M *Sham*. ^ $P < 0.05$, different from day 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 16, 17 and 18. $^{o}P < 0.05$, different from day 2, 4, 7, 8, 10, 16 and 18. ^^ $P < 0.05$, different from day 4 and 8. $^{\#}P < 0.05$, different from day 2, 4, 7, 8, 10, 16 and 18. Means ± SE are presented.

Figure 6: The subunits $GABA_A$ mRNA expression analyses in the prefrontal cortex in the different groups after cocaine self-administration. Means ± SE are presented.

Table 1: Pearson correlation between the analyzed parameters of Female Sham and Female 6-OHDA groups: Basal locomotion, Locomotion 26th, Reinforcement, γ2, α1 and α2 mRNA expression.

Table 2: Pearson correlation between the analyzed parameters of Male Sham and Male 6-OHDA groups: Basal locomotion, Locomotion 26th, Reinforcement, γ2, α1 and α2 mRNA expression.

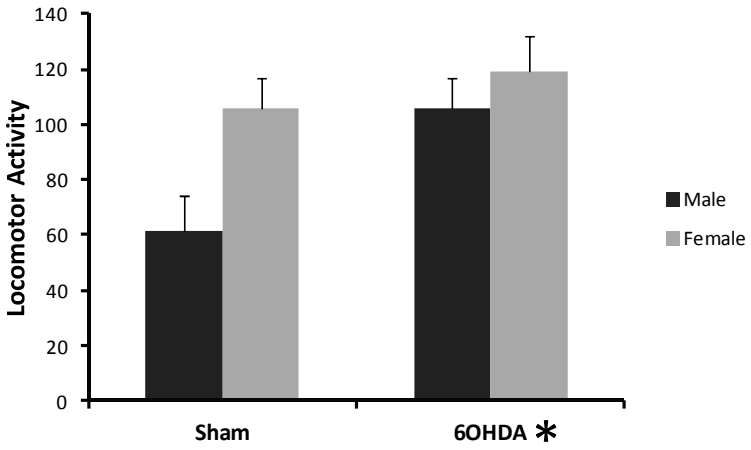


Fig1: Differences in locomotor activity responses of young adult 6-OHDA/*Sham* during 15 min test in female and male rats. Locomotor activity was significantly increased in 6-OHDA lesioned rats. Means ± SE are presented. * $P = 0.021$.

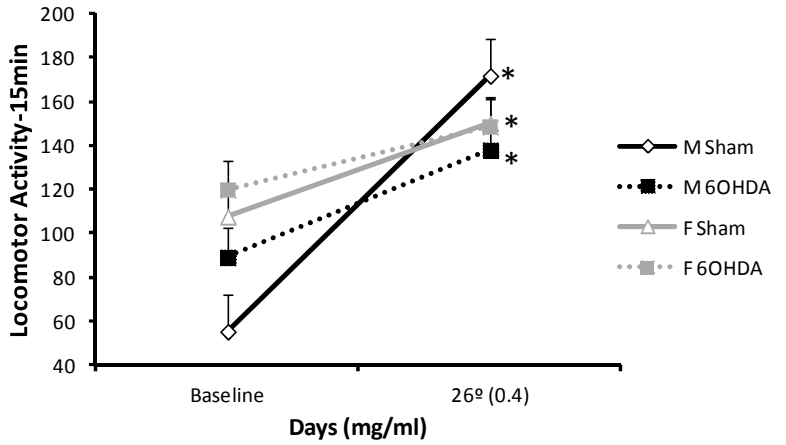


Fig 2: Locomotor activity after oral cocaine self-administration. Locomotor activity was significantly different in the 26th day from baseline in M 6-OHDA, M *Sham* and F *Sham* * $P <$ 0.05. Means ± SE are presented.

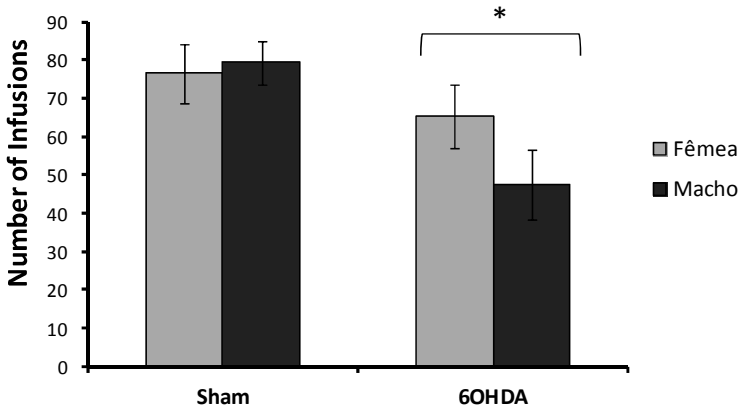


Fig 3: Daily of number of infusions mean was lower in 6-OHDA lesioned rats. * *P* = 0.013. Means ± SE are presented.

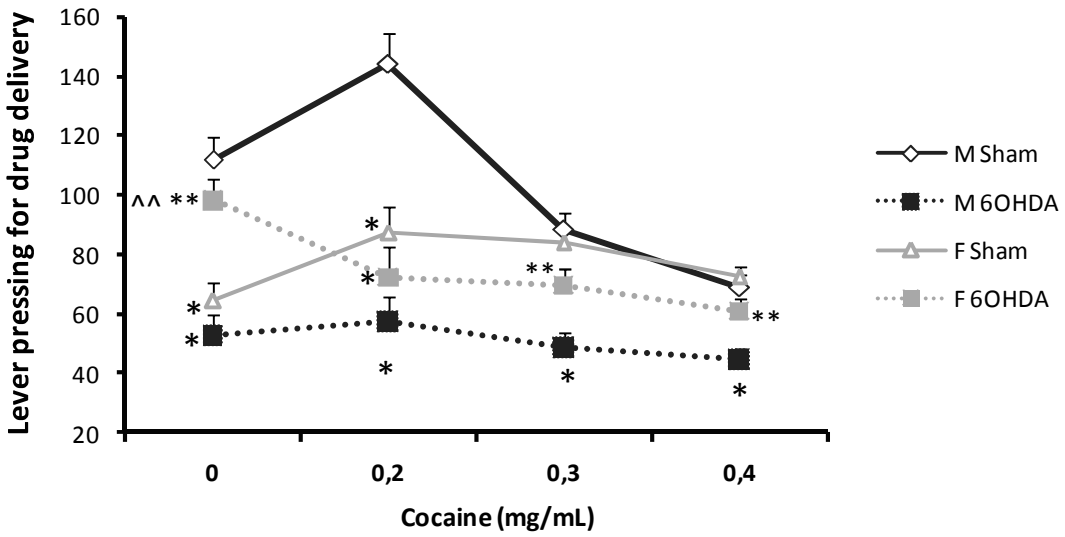


Fig 4: Daily lever pressing for cocaine solution delivery mean per concentration. * *P* < 0.001, different from M *Sham.* ** *P* < 0.001, different from M 6-OHDA. ^^ *P* = 0.003, different from F *Sham*. Means ± SE are presented.

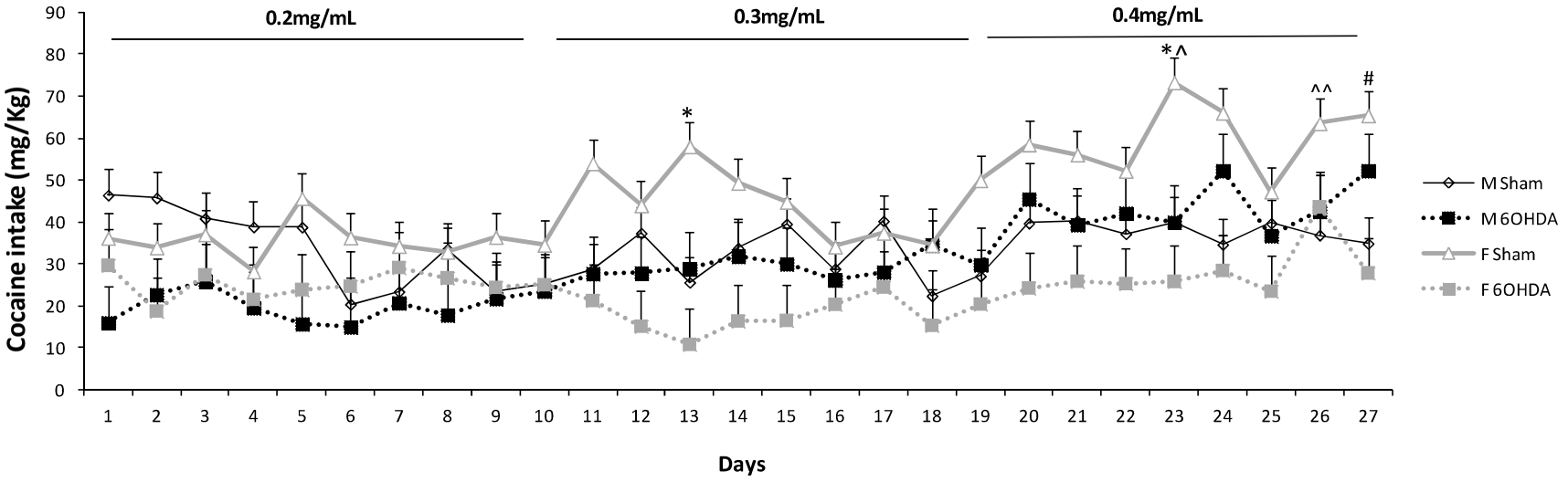


Fig 5: Daily cocaine intake mean per group during 3 hours. * *P* < 0.05, different from F 6-OHDA and M *Sham*. ^ *P* < 0.05, different from day 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 16, 17 and 18. °*P* < 0.05, different from day 2, 4, 7, 8, 10, 16 and 18. ^^ *P* < 0.05, different from day 4 and 8. # *P* < 0.05, different from day 2, 4, 7, 8, 10, 16 and 18. Means ± SE are presented.

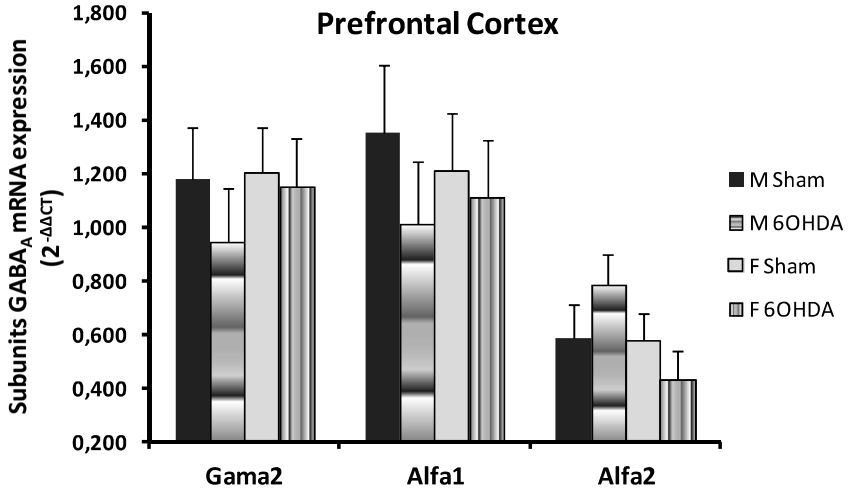


Fig 6: The subunits $GABA_A$ mRNA expression analyses in the prefrontal cortex in the different groups after cocaine self-administration. Means ± SE are presented.

Table 1: Pearson correlation between the analyzed parameters of Female Sham and Female 6-OHDA groups: Basal locomotion, Locomotion 26th, Reinforcement, γ2, α1 and α2 mRNA expression.

	F *Sham*					F 6-OHDA				
	Locom. 26th	**Reinforc.**	**γ2**	**α1**	**α2**	**Locom. 26th**	**Reinforc.**	**γ2**	**α1**	**α2**
Basal Locom.										
r	-0,008	-0,015	-0,558	-0,666	-0,043	0.679	0.357	-0.226	-0.093	0.250
P	0,982	0,967	0,250	0,149	0,936	0.064	0.385	0.667	0.842	0.589
Locom. 26th										
r		0,393	-0,151	-0,395	-0,530		0.245	-0.385	-0.607	-0.168
P		0,231	0,746	0,380	0,221		0.559	0.450	0.148	0.720
Reinforc.										
r			0,136	0,166	0,623			0.125	-0.316	-0.091
P			0,771	0,721	0,135			0.813	0.490	0.846
γ2										
r				0,860	0,726				0.175	-0.808
P				**0,013***	0,065				0.740	0.052
α1										
r					0,834					0.221
P					**0,020***					0.634

Table 2: Pearson correlation between the analyzed parameters of Male Sham and Male 6-OHDA groups: Basal locomotion, Locomotion 26th, Reinforcement, γ2, a1 and a2 mRNA expression.

		M *Sham*					M 6OHDA				
		Locom. 26º	**Reinforc.**	**γ2**	**α1**	**α2**	**Locom. 26º**	**Reinforc.**	**γ2**	**α1**	**α2**
Basal Locom.											
	r	-0,720	-0,252	-0,351	0,438	0,579	-0,350	-0,423	0,824	0,280	-0,414
	P	0,170	0,547	0,563	0,461	0,306	0,395	0,224	0,086	0,591	0,415
Locom. 26º											
	r		-0,047	-0,429	-0,820	0,435		-0,032	-0,077	-0,231	-0,267
	P		0,941	0,718	0,388	0,713		0,940	0,902	0,660	0,609
Reinforc.											
	r			0,322	0,090	-0,213			-0,575	-0,059	0,828
	P			0,597	0,885	0,731			0,311	0,912	**0,042***
γ2											
	r				0,642	-0,136				0,674	-0,431
	P				0,243	0,827				0,213	0,469
α1											
	r					0,554					-0,133
	P					0,333					0,802

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo fornece informações importantes quanto aos padrões de reforço de cocaína em animais induzidos ao transtorno e a implicação do sexo nesses padrões. Além disso, verificou-se que a autoadministração oral de cocaína afetou de maneira diferente os comportamentos de locomoção dos animais induzidos ao TDAH por 6-OHDA. Já alterações neuroquímicas entre os grupos estudados não foram encontradas. Embora não possamos acrescentar informações claras sobre os efeitos da cocaína na expressão das subunidades do receptor $GABA_A$, nossos resultados fornecem pistas de que pode haver modificações importantes ocasionados pelo consumo de cocaína em animais machos que têm lesões dopaminérgicas. Com este estudo verificamos que o efeito paradoxal da cocaína não acontece quando há um consumo de altas doses dessa substância pelos animais lesionados. Portanto percebe-se a necessidade de mais estudos que verifiquem o consumo de cocaína em animais machos e fêmeas induzidos ao TDAH e as alterações da expressão de subunidades do $GABA_A$ relacionados com adição a psicoestimulantes para elucidar as bases comportamentais e neuroquímicas da coexistência desses dois transtornos.

7 ANEXOS

7.1 Anexo I

7.1.2 COCAÍNA – REVISÃO DA LITERATURA

Epidemiologia

Segundo o relatório mundial sobre drogas da Organização das Nações Unidas (ONU), publicado em 2014, o uso mundial de cocaína se manteve estável em 2012, com uma estimativa de 14 milhões a 21 milhões de usuários (prevalência anual de 0,4%). O uso de cocaína se manteve elevado na América do Sul (1,8%), Oceania (1,5%) e Europa Ocidental e Central (1%). Já na América do Norte não houve aumento no uso de cocaína entre 2011 e 2012. Em relação ao número de usuários de cocaína na América do Sul, houve um aumento quando se compara os anos de 2004 e 2005 com o ano de 2012 (2 milhões para 3,3 milhões). A influência desse aumento pode ser devido às várias formas de uso, incluindo o *crack* e outras formas brutas de base de cocaína.

De acordo com o II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil, que envolveu as 108 maiores cidades do país realizado em 2005, 2,9% da população já fez uso de cocaína pelo menos uma vez na vida, o que equivale a 1.459.000 pessoas. Dentre os entrevistados, 0,5% eram da faixa etária de 12 a 17 anos, 4,2% de 18 a 24 anos, e a maior parte, 5,2%, de 25 a 34 anos. Nas duas maiores faixas etárias, o sexo masculino obteve grande predomínio, diferentemente da faixa etária entre 12 a 17 anos em que a porcentagem entre os dois sexos se igualou (0,4%). Na região sul a porcentagem dos entrevistados que já fizeram uso de cocaína na vida chegou a 3,1% e, assim como observado no país inteiro, o consumo entre o sexo masculino prevalece (CARLINI *et al., 2007*).

Entre os estudantes brasileiros do ensino fundamental e médio, segundo estudo realizado em 2010 (CARLINI *et al, 2010*), 2,5% deles já fizeram uso na vida

de cocaína, observando-se um aumento de 0,5% quando comparado ao estudo feito anteriormente, em que se contabilizou 2% dos estudantes (GALDURÓZ *et al., 2005*).

Um estudo feito pela FIOCRUZ em 2012 nas capitais do Brasil e no Distrito Federal revelou que existe uma proporção de 0,81% da população que consomem *crack* ou similares, representando cerca de 370 mil usuários. Dentre eles, cerca de 0,11% eram crianças e adolescentes, ou seja, em torno de 50 mil crianças e adolescentes fazem uso dessa droga nas capitais do país.

Farmacologia

A cocaína é purificada a partir das folhas de coca, as quais contêm de 0,6 a 1,8% do alcalóide, através de um método relativamente simples, pelo qual esta é extraída das folhas utilizando um solvente orgânico (querosene ou éter).

Existem quatro formas diferentes de apresentação da cocaína: basuco (ou pasta base), a forma de pasta de coca; merla, a forma pastosa; cloridrato de cocaína, a forma de pó cristalino; crack, a forma de base livre, sendo as duas últimas formas de uso mais populares no sul do país.

A forma de cloridrato de cocaína é obtida através do tratamento da pasta de coca purificada com ácido clorídrico. A dissolução do alcalóide no ácido forma um pó hidrossolúvel, que precisa ser recristalizado, através de aquecimento, para que o produto final seja o pó de cloridrato de cocaína, o qual pode ser ingerido via oral, aspiração nasal ou via intravenosa. Esta forma não pode ser fumada, pois, com o aumento da temperatura, ocorre a volatilização e conseqüente decomposição do composto (CHASIN et al., 2008; DICKERSON & JANDA, 2005).

O *crack*, base livre, é preparado através do aquecimento da solução aquosa do cloridrato com uma substância básica, como o bicarbonato ou o hidróxido de

sódio, neutralizando o bicarbonato ou a parte ácida. Com o aquecimento e posterior resfriamento, precipita-se a base livre, com aspecto de cristais irregulares em forma de pedras. Esta forma é estável a altas temperaturas, apresentando um baixo ponto de fusão, o que lhe permite ser fumado, após pirólise, inalando-se os vapores (CHASIN et al., 2008; DICKERSON & JANDA, 2005).

Farmacocinética

A absorção da cocaína varia de acordo com a via de introdução, que pode ser intranasal (aspiração), intravenosa, respiratória (inalação pelo ato de fumar) e oral (CHASIN et al., 2008). Quando a cocaína é aspirada, a absorção ocorre pela mucosa nasal, e sua velocidade é relativamente baixa, devido às propriedades vasoconstritoras da droga, e lenta, permitindo teores plasmáticos menores por tempo mais prolongado (CHASIN et al., 2008). Cerca de 20% a 30% da droga são absorvidos pela mucosa nasal (FIGLIE *et al*., 2004). Se injetada (via intravenosa), a droga alcança a corrente sanguínea imediatamente, e sua biodisponibilidade é de 100%. Os efeitos são muito intensos e rápidos. A via respiratória (fumada) pode ser comparada a esta via em termos de velocidade de absorção, pico de concentração plasmática, duração e intensidade dos efeitos (CHASIN et al., 2008; FIGLIE *et al*., 2004). Quando a cocaína é ingerida por via oral, os feitos aparecem em um maior tempo, pois sua absorção é lenta e incompleta (FIGLIE *et al*., 2004). Isso é explicado pela ionização da cocaína no meio ácido do estômago e a demora em atingir o meio menos ácido do intestino delgado, onde a forma não-ionizada prevalece, levando a uma maior velocidade de absorção (CHASIN et al., 2008). Por esta via somente 25% da droga ingerida alcançam o cérebro. Esses motivos explicam a ausência do efeito *rush*, caracterizado por uma intensa sensação de bem estar, comum às outras

formas de uso citadas. No entanto, é a via em que os efeitos persistem por mais tempo. O início, o pico e a duração dos efeitos da cocaína de acordo com a via podem ser melhor entendidos na tabela 1.

Tabela 3. Farmacocinética da cocaína de acordo com a via de administração.

Via de administração	Início da ação	Pico de efeito	Duração da ação
Inalada/fumada	3-5 segundos	1-3 minutos	5-15 minutos
Intravenosa	10-60 segundos	3-5 minutos	20-60 minutos
Intranasal ou mucosal	1-5 minutos	15-20 minutos	60-90 minutos
Gastrointestinal (oral)	> 20 minutos	> 90 minutos	> 180 minutos

Fonte: EGRED & DAVIS, 2005.

Após penetrar no cérebro, a cocaína é redistribuída para outros tecidos, se concentrando no baço, rins, fígado e cérebro. O acúmulo no cérebro se deve ao caráter lipofílico da cocaína, permitindo que a substância atravesse a barreira hematoencefálica, seja seqüestrada pelos adipócitos, e então se acumule no sistema nervoso central. Essa característica também explica a transferência da droga pela placenta através de transporte passivo, assim como na secreção láctea (FIGLIE *et al*., 2004; CHASIN et al., 2008).

A eliminação da cocaína é em sua maior parte controlada pela sua biotransformação, a qual é muito extensa devido às características da molécula, resultando em menos de 10% da cocaína excretada sem alteração na urina. Assim, cerca de 90% é transformado em metabólito inativo hidrossolúvel. Após absorvida a cocaína (benzoilmetilecgonina) inicia o metabolismo no plasma por hidrólise do

radical éster, produzindo éster metilecgonina. Outro metabólito produzido é a benzoilecgonina que é originada pela hidrólise espontânea ou por reação catalisada pelas carboxilesterases. Por último, ocorre a desmetilação da cocaína realizada no fígado pela enzima oxidase, resultando na norcocaína, um produto farmacologicamente ativo (FIGLIE *et al*., 2004; CHASIN et al., 2008).

A eliminação da cocaína é feita rapidamente através da urina. O tempo de meia-vida é próximo de 1 hora (FIGLIE *et al*., 2004). Em torno de 1 a 5% da substância não é alterada e os metabólitos hidrossolúveis da cocaína fornecem um indicador do uso recente, pois podem permanecer na urina por até 72 horas (EGRED & DAVIS, 2005). Quando se trata de indivíduos em uso crônico a urina pode permanecer positiva por até 22 dias (FIGLIE *et al*., 2004).

Farmacodinâmica

A cocaína é um potente agente simpaticomimético, por sua capacidade de bloquear a recaptação nos neurônios pré-sinápticos, aumentando os níveis de catecolaminas (dopamina, noradrenalina e serotonina), produzindo elevação temporária da concentração desses neurotransmissores nos receptores pós-sinápticos, justificando os efeitos estimulantes do Sistema Nervoso Central (SNC) (EGRED & DAVIS, 2005; CHASIN et al., 2008).

O principal mecanismo de ação no SNC é o bloqueio da recaptação da dopamina (DA) nas fendas sinápticas, que ocorre devido à ligação da cocaína à bomba de recaptação de dopamina, inibindo a remoção deste neurotransmissor da fenda sináptica. Com isso, a DA permanece na fenda, ligando-se livremente aos seus receptores da membrana pós-sináptica, produzindo mais impulsos nervosos. A concentração de DA no núcleo *accumbens* (NAc), com esse bloqueio, pode

aumentar em até 15 vezes (GRIMM, 2007), e esse aumento parece estar envolvido de forma importante na recompensa e recaída (WISE, 1996). A recaptação de DA ocorre principalmente na via mesocorticolímbica, uma das principais responsáveis pelo efeito reforçador da cocaína e pelo sentimento de extrema euforia (GOLDSTEINS & VOLKOW, 2002; KOOB, 2006; KOOB & MOAL, 2006), a qual se origina na área tegmental ventral e projeta-se para áreas do sistema límbico, incluindo o NAc , o córtex pré-frontal, o hipocampo e a amígdala (ANDERSON & PIERCE, 2005; KOOB & MOAL, 2006). Outra via importante é a nigro-estriatal onde encontra-se cerca de 75% da DA no cérebro e cujos corpos celulares se situam na substância negra e axônios terminam no corpo estriado. O sistema túbero-hipofisário é uma terceira via de relevância, no qual seus neurônios seguem trajeto do hipotálamo para a eminência mediana e a hipófise (CHASIN et al., 2008). Sendo assim, a DA tem um papel crucial na mediação dos efeitos reforçadores da cocaína (AARÃO et al., 2008; CANNON & BSEIKRI, 2004).

O aumento da concentração de DA causado pelo bloqueio da recaptação deste neurotransmissor gera no sistema neural adaptações para neutralizar o efeito da cocaína (WISE & KOOB, 2014). Essas neuroadaptações ocorrem tanto no próprio sistema dopaminérgico como nos outros sistemas neurais (KOOB AND BLOOM, 1988) podendo acarretar profundas alterações em receptores, síntese de neurotransmissores como também em níveis moleculares e genéticos (JOHANSON & SCHUSTER, 2000; PERROTTI e cols., 2000). O processo de neutralização do efeito da cocaína, ou seja, a tentativa de equilibrar a intensa estimulação do SNC, ocorre com a mobilização dos sistemas inibitórios cerebrais, principalmente o sistema GABAérgico. Como consequência da administração crônica de cocaína, a

expressão das subunidades dos receptores $GABA_A$ pode ser alterada (Suzuki et al., 2000; Yamaguchi et al., 2000, 2002)

Efeitos da cocaína

A cocaína possui múltiplos efeitos, devido às ações tanto periféricas, quanto centrais (LARANJEIRA *et al*., 2003). Os efeitos da intoxicação aguda são intensa euforia e bem estar, aumento do estado de vigília, autoconfiança elevada e aceleração do pensamento. Como principais sintomas físicos podem ser citados o aumento da frequência cardíaca e respiratória, da temperatura corporal, sudorese, tremor leve de extremidades, espasmos musculares, midríase e comportamento estereotipado repetitivo. Podem ocorrem também quadros de pânico, transtornos depressivos e psicose, os quais são as complicações psiquiátricas mais relatadas. Já entre as não-psiquiátricas, as complicações cardiovasculares são as mais freqüentes (LARANJEIRA *et al*., 2003). Tais eventos são diretamente proporcionais a dose da droga ingerida e podem variar, de acordo com variações orgânicas individuais.

A cocaína é considerada uma droga com grande potencial de abuso e dependência devido a sua grande capacidade de produzir o efeito desejado, chamado de reforço positivo, cuja atribuição se dá à potenciação da neurotransmissão dopaminérgica dos neurônios da região mesocorticolímbica (CHASIN et al., 2008). Para que um indivíduo receba um diagnóstico de dependência, segundo os critérios do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) (APA, 2014) é preciso preencher alguns dos seguintes sintomas: tolerância, abstinência, consumo de substâncias em maiores quantidades ou por um período mais longo do que o pretendido, desejo persistente ou esforços

mal-sucedidos em reduzir ou controlar o uso, longo tempo gasto para obtenção da droga, na sua utilização ou na recuperação dos efeitos, abandono ou redução das atividades sociais, ocupacionais ou recreativas para uso da substância, uso da substância contínuo ou recorrentemente, mesmo com a consciência do problema, fissura, uso recorrente em situações que envolvem risco à integridade física.

Diferença entre os sexos no uso de cocaína

Dados coletados entre 2004 e 2009 do sistema de saúde pública que monitora os atendimentos relacionados a drogas nos Estados Unidos relataram que nos atendimentos a mulheres, a cocaína é a droga ilícita mais frequentemente envolvida na procura pela emergência (53,7%) (SAMHSA, 2011). Os últimos estudos epidemiológicos feitos no Brasil, em 2007, mostraram que na faixa etária entre 18 e 34 anos, o consumo de cocaína ainda é maior entre os homens. No entanto, quando se avalia a faixa da adolescência, entre 12 e 17 anos, o consumo entre os dois sexos se iguala (CARLINI *et al., 2007*).

As mulheres geralmente iniciam o uso de cocaína mais precocemente e com uma maior freqüência (LYNCH *et al*., 2002), tendem a progredir do primeiro uso à dependência mais rapidamente (SAMHSA, 2011) e enfrentam normalmente um padrão mais grave de dependência (CARROL *et al., 2004;* HU E BECKER, 2008; KERSTETTER AND KIPPIN, 2011). Outro aspecto importante é a maior tendência das mulheres dependentes em adquirir doenças de saúde mental e maior propensão em tentar o suicídio em relação aos homens (KERSTETTER AND KIPPIN, 2011; SAMHSA, 2011). Muitos estudos, tanto em animais quanto em humanos, demonstram significativa interferência dos hormônios sexuais na ação em sistemas neuroquímicos (PERROTI et al, 2000; SALEH, 2003; SOUZA et al, 2010), bem como

sobre os efeitos comportamentais (KOURI et al., 2002; LYNCH et al., 2002). A diferença sexual na dependência à cocaína pode ser explicada pelos efeitos dos hormônios femininos e suas flutuações ao longo do ciclo reprodutivo. Alguns estudos demonstram que os efeitos positivos da droga dependem da fase do ciclo menstrual, sendo maiores durante a fase folicular, e que o pico do desejo pela droga se dá quando há concentrações elevadas de estrógeno e progesterona (SOFUOGLU et al., EVANS et al., 2002).

7.1.3 Aprovação CEUA

UFCSPA

COMISSÃO CIENTÍFICA E COMISSÃO DE PESQUISA E ÉTICA EM SAÚDE

COMISSÃO DE ÉTICA NO USO DE ANIMAIS - CEUA
UFCSPA

A Comissão de Ética no uso de Animais, analisou o Projeto:

Projeto: 13-122 **Versão do Projeto:** **Versão do TCLE:**

Pesquisadores:
HELENA MARIA TANNHAUSER BARROS
LAÍSA DE SIQUEIRA UMPIERREZ

Título: AUTO-ADMINISTRAÇÃO DE COCAÍNA EM RATOS MACHOS E FÊMEAS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH) INDUZIDOS POR 6-HIDROXIDOPAMINA(6-OHDA)

Este projeto foi aprovado em seus aspectos éticos e metodológicos. Todo e qualquer alteração do projeto, assim com eventos adversos graves, deverão ser comunicados a esta CEUA.

Porto Alegre, 20 de agosto de 2013.

Katya V. Rigatto
Coordenadora do CEUA
UFCSPA

7.1.4 Normas da revista

BEHAVIOURAL BRAIN RESEARCH

DESCRIPTION.

Behavioural Brain Research is an international, interdisciplinary journal dedicated to the publication of articles in the field of **behavioural neuroscience**, broadly defined. Contributions from the entire range of disciplines that comprise the **neurosciences**, **behavioural sciences** or **cognitive sciences** are appropriate, as long as the goal is to delineate the neural mechanisms underlying behaviour. Thus, studies may range from neurophysiological, neuroanatomical, neurochemical or neuropharmacological analysis of brain-behaviour relations, including the use of molecular genetic or behavioural genetic approaches, to studies that involve the use of brain imaging techniques, to neuroethological studies. Reports of original research, of major methodological advances, or of novel conceptual approaches are all encouraged. The journal will also consider critical reviews on selected topics.

Benefits to authors

We also provide many author benefits, such as free PDFs, a liberal copyright policy, special discounts on Elsevier publications and much more. Please click here for more information on our author services. Please see our Guide for Authors for information on article submission. If you require any further information or help, please visit our support pages: http://support.elsevier.com

AUDIENCE.

Neuroscientists, Neurophysiologists, Neuropharmacologists, Psychologists, Psychiatrists, Behavioral Scientists and Neurologists.

IMPACT FACTOR.

2013: 3.391 © Thomson Reuters Journal Citation Reports 2014

ABSTRACTING AND INDEXING.

Animal Behaviour Abstracts

BIOSIS

Elsevier BIOBASE

Chemical Abstracts

Current Contents/Life Sciences

MEDLINE®

EMBASE

PsycINFO Psychological Abstracts

Reference Update

Scopus

EDITORIAL BOARD

.

Editors-in-Chief

J.P. Huston, Center for Behavioral Neuroscience, Heinrich-Heine-Universität Düsseldorf, Universitätsstr.1,
40225, Düsseldorf, Germany, Fax: +49 211 811 2024

S. Maren, Dept. of Psychology, Texas A&M University, Mailstop 4235 College Station, TX 77843-4235, Texas,
USA, Fax: (979) 458-7960

Editorial Board

GUIDE FOR AUTHORS

.

BEFORE YOU BEGIN

Ethics in publishing

For information on Ethics in publishing and Ethical guidelines for journal publication see http://www.elsevier.com/publishingethics and http://www.elsevier.com/journal-authors/ethics.

Conflict of interest

All authors are requested to disclose any actual or potential conflict of interest including any financial, personal or other relationships with other people or organizations within three years of beginning the submitted work that could inappropriately influence, or be perceived to influence, their work. See also http://www.elsevier.com/conflictsofinterest. Further information and an example of a Conflict of Interest form can be found at: http://help.elsevier.com/app/answers/detail/a_id/286/p/7923.

Submission declaration and verification

Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract or as part of a published lecture or academic thesis or as an electronic preprint, see http://www.elsevier.com/sharingpolicy), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere in the same form, in English or in any other language, including electronically without the written consent of the copyright-holder. To verify originality, your article may be checked by the originality detection service CrossCheck http://www.elsevier.com/editors/plagdetect.

Changes to authorship

This policy concerns the addition, deletion, or rearrangement of author names in the authorship of accepted manuscripts: Before the accepted manuscript is published in an online issue: Requests to add or remove an author, or to rearrange the author names, must be sent to the Journal Manager from the corresponding author of the accepted manuscript and must include: (a) the reason the name should be added or removed, or the author names rearranged and (b) written confirmation (e-mail, fax, letter) from all authors that they agree with the addition, removal or rearrangement. In the case of addition or removal of authors, this includes confirmation from the author being added or removed. Requests that are not sent by the corresponding author will be forwarded by the Journal Manager to the corresponding author, who must follow the procedure as described above. Note that: (1) Journal Managers will inform the Journal Editors of any such requests and (2) publication of the accepted manuscript in an online issue is suspended until authorship has been agreed. After the accepted

manuscript is published in an online issue: Any requests to add, delete, or rearrange author names in an article published in an online issue will follow the same policies as noted above and result in a corrigendum.

Copyright

Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'Journal Publishing Agreement' (for more information on this and copyright, see http://www.elsevier.com/copyright). An e-mail will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a 'Journal Publishing Agreement' form or a link to the online version of this agreement. Subscribers may reproduce tables of contents or prepare lists of articles including abstracts for internal circulation within their institutions. Permission of the Publisher is required for resale or distribution outside the institution and for all other derivative works, including compilations and translations (please consult http://www.elsevier.com/permissions). If excerpts from other copyrighted works are included, the author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by authors in these cases: please consult http://www.elsevier.com/permissions. For open access articles: Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete an 'Exclusive License Agreement' (for more information see http://www.elsevier.com/OAauthoragreement). Permitted third party reuse of open access articles is determined by the author's choice of user license (see http://www.elsevier.com/openaccesslicenses).

Author rights

As an author you (or your employer or institution) have certain rights to reuse your work. For more information see http://www.elsevier.com/copyright.

Role of the funding source

You are requested to identify who provided financial support for the conduct of the research and/or preparation of the article and to briefly describe the role of the sponsor(s), if any, in study design; in the collection, analysis and interpretation of data; in the writing of the report; and in the decision to submit the article for publication. If the funding source(s) had no such involvement then this should be stated.

Funding body agreements and policies

Elsevier has established a number of agreements with funding bodies which allow authors to comply with their funder's open access policies. Some authors may also be reimbursed for associated publication fees. To learn more about existing agreements please visit http://www.elsevier.com/fundingbodies.

Open access

This journal offers authors a choice in publishing their research:

Open access

• Articles are freely available to both subscribers and the wider public with permitted reuse

• An open access publication fee is payable by authors or on their behalf e.g. by their research funder or institution

Subscription

• Articles are made available to subscribers as well as developing countries and patient groups through our universal access programs (http://www.elsevier.com/access).

• No open access publication fee payable by authors. Regardless of how you choose to publish your article, the journal will apply the same peer review criteria and acceptance standards. For open access articles, permitted third party (re)use is defined by the following Creative Commons user licenses: *Creative Commons Attribution (CC BY)* Lets others distribute and copy the article, create extracts, abstracts, and other revised versions, adaptations or derivative works of or from an article (such as a translation), include in a collective work (such as an anthology), text or data mine the article, even for commercial purposes, as long as they credit the author(s), do not represent the author as endorsing their adaptation of the article, and do not modify the article in such a way as to damage the author's honor or reputation. *Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs (CC BY-NC-ND).* For non-commercial purposes, lets others distribute and copy the article, and to include in a collective work (such as an anthology), as long as they credit the author(s) and provided they do not alter or modify the article. The open access publication fee for this journal is USD 2200, excluding taxes. Learn more about Elsevier's pricing policy: http://www.elsevier.com/openaccesspricing.

Language (usage and editing services)

Please write your text in good English (American or British usage is accepted, but not a mixture of these). Authors who feel their English language manuscript may require editing to eliminate possible grammatical or spelling errors and to conform to correct scientific English may wish to use the English Language Editing service available from Elsevier's WebShop (http://webshop.elsevier.com/languageediting/) or visit our customer support site (http://support.elsevier.com) for more information.

Submission

Our online submission system guides you stepwise through the process of entering your article details and uploading your files. The system converts your article files to a single PDF file used in the peer-review process. Editable files (e.g., Word, LaTeX) are required to typeset your article for final publication. All correspondence, including notification of the Editor's decision and requests for revision, is sent by e-mail.

Submission Address

http://ees.elsevier.com/bbr/

PREPARATION

Use of word processing software

It is important that the file be saved in the native format of the word processor used. The text should be in single-column format. Keep the layout of the text as simple as possible. Most formatting codes will be removed and replaced on processing the article. In particular, do not use the word processor's options to justify text or to hyphenate words. However, do use bold face, italics, subscripts, superscripts etc. When preparing tables, if you are using a table grid, use only one grid for each individual table and not a grid for each row. If no grid is used, use tabs, not spaces, to align columns. The electronic text should be prepared in a way very similar to that of conventional manuscripts (see also the Guide to Publishing with Elsevier: http://www.elsevier.com/guidepublication). Note that source files of figures, tables and text graphics will be required whether or not you embed your figures in the text. See also the section on Electronic artwork. To avoid unnecessary errors you are strongly advised to use the 'spell-check' and 'grammar-check' functions of your word processor.

Article structure

Length Of Article

Original Research Articles should not exceed 12,000 words (inclusive of abstract, references, and figure legends). Short communications should not exceed 3500 words (inclusive of abstract, references, and figure legends) and should not be divided into sections. No more than 25 references and four figures or tables should be included.

Subdivision - numbered sections

Divide your article into clearly defined and numbered sections. Subsections should be numbered 1.1 (then 1.1.1, 1.1.2, ...), 1.2, etc. (the abstract is not included in section numbering). Use this numbering also for internal cross-referencing: do not just refer to 'the text'. Any subsection may be given a brief heading. Each heading should appear on its own separate line.

Introduction

State the objectives of the work and provide an adequate background, avoiding a detailed literature survey or a summary of the results.

Material and methods

Provide sufficient detail to allow the work to be reproduced. Methods already published should be indicated by a reference: only relevant modifications should be described.

Results

Results should be clear and concise.

Discussion

This should explore the significance of the results of the work, not repeat them. A combined. Results and Discussion section is often appropriate. Avoid extensive citations and discussion of published literature.

Conclusions

The main conclusions of the study may be presented in a short Conclusions section, which may stand alone or form a subsection of a Discussion or Results and Discussion section.

Appendices

If there is more than one appendix, they should be identified as A, B, etc. Formulae and equations in appendices should be given separate numbering: Eq. (A.1), Eq. (A.2), etc.; in a subsequent appendix, Eq. (B.1) and so on. Similarly for tables and figures: Table A.1; Fig. A.1, etc.

Essential title page information

• **Title.** Concise and informative. Titles are often used in information-retrieval systems. Avoid abbreviations and formulae where possible.

• **Author names and affiliations.** Please clearly indicate the given name(s) and family name(s) of each author and check that all names are accurately spelled. Present the authors' affiliation addresses (where the actual work was done) below the names. Indicate all affiliations with a lower case superscript letter immediately after the author's name and in front of the appropriate address. Provide the full postal address of each affiliation, including the country name and, if available, the e-mail address of each author.

• **Corresponding author.** Clearly indicate who will handle correspondence at all stages of refereeing and publication, also post-publication. **Ensure that the e-mail address is given and that contact details are kept up to date by the corresponding author.**

• **Present/permanent address.** If an author has moved since the work described in the article was done, or was visiting at the time, a 'Present address' (or 'Permanent address') may be indicated as a footnote to that author's name. The address at which the author actually did the work must be retained as the main, affiliation address. Superscript Arabic numerals are used for such footnotes.

Abstract

A concise and factual abstract is required. The abstract should state briefly the purpose of the research, the principal results and major conclusions. An abstract is often presented separately from the article, so it must be able to stand alone. For this reason, References should be avoided, but if essential, then cite the author(s) and year(s). Also, non-standard or uncommon abbreviations should be avoided, but if essential they must be defined at their first mention in the abstract itself.

The Abstract should not exceed 250 words

Graphical abstract

Although a graphical abstract is optional, its use is encouraged as it draws more attention to the online article. The graphical abstract should summarize the contents of the article in a concise, pictorial form designed to capture the attention of a wide readership. Graphical abstracts should be submitted as a separate file in the online submission system. Image size: Please provide an image with a minimum of 531 × 1328 pixels (h × w) or proportionally more. The image should be readable at a size of 5 × 13 cm using a regular screen resolution of 96 dpi. Preferred file types: TIFF, EPS, PDF or MS Office files. See http://www.elsevier.com/graphicalabstracts for examples.

Authors can make use of Elsevier's Illustration and Enhancement service to ensure the best presentation of their images and in accordance with all technical requirements: Illustration Service.

Highlights

Highlights are mandatory for this journal. They consist of a short collection of bullet points that convey the core findings of the article and should be submitted in a separate editable file in the online submission system. Please use 'Highlights' in the file name and include 3 to 5 bullet points (maximum 85 characters, including spaces, per bullet point). See http://www.elsevier.com/highlights for examples.

Keywords

Immediately after the abstract, provide a maximum of 6 keywords, using American spelling and avoiding general and plural terms and multiple concepts (avoid, for example, 'and', 'of'). Be sparing with abbreviations: only abbreviations firmly established in the field may be eligible. These keywords will be used for indexing purposes.

Abbreviations

Define abbreviations that are not standard in this field in a footnote to be placed on the first page of the article. Such abbreviations that are unavoidable in the abstract must be defined at their first mention there, as well as in the footnote. Ensure consistency of abbreviations throughout the article.

Acknowledgements

Collate acknowledgements in a separate section at the end of the article before the references and do not, therefore, include them on the title page, as a footnote to the title or otherwise. List here those individuals who provided help during the research (e.g., providing language help, writing assistance or proof reading the article, etc.).

Footnotes

Footnotes should be used sparingly. Number them consecutively throughout the article. Many word processors can build footnotes into the text, and this feature may be used. Otherwise, please indicate the position of footnotes in the text and list the footnotes themselves separately at the end of the article. Do not include footnotes in the Reference list.

Artwork

Electronic artwork

General points

• Make sure you use uniform lettering and sizing of your original artwork.
• Embed the used fonts if the application provides that option.
• Aim to use the following fonts in your illustrations: Arial, Courier, Times New Roman, Symbol, or use fonts that look similar.
• Number the illustrations according to their sequence in the text.
• Use a logical naming convention for your artwork files.
• Provide captions to illustrations separately.
• Size the illustrations close to the desired dimensions of the published version.
• Submit each illustration as a separate file.

A detailed guide on electronic artwork is available on our website:
http://www.elsevier.com/artworkinstructions.

You are urged to visit this site; some excerpts from the detailed information are given here.

Formats

If your electronic artwork is created in a Microsoft Office application (Word, PowerPoint, Excel) then please supply 'as is' in the native document format.
Regardless of the application used other than Microsoft Office, when your electronic artwork is finalized, please 'Save as' or convert the images to one of the following formats (note the resolution requirements for line drawings, halftones, and line/halftone combinations given below):

EPS (or PDF): Vector drawings, embed all used fonts.
TIFF (or JPEG): Color or grayscale photographs (halftones), keep to a minimum of 300 dpi.
TIFF (or JPEG): Bitmapped (pure black & white pixels) line drawings, keep to a minimum of 1000 dpi.
TIFF (or JPEG): Combinations bitmapped line/half-tone (color or grayscale), keep to a minimum of 500 dpi.

Please do not:

• Supply files that are optimized for screen use (e.g., GIF, BMP, PICT, WPG); these typically have a low number of pixels and limited set of colors;
• Supply files that are too low in resolution;
• Submit graphics that are disproportionately large for the content.

Color artwork

Please make sure that artwork files are in an acceptable format (TIFF (or JPEG), EPS (or PDF), or MS Office files) and with the correct resolution. If, together with your accepted article, you submit usable color figures then Elsevier will ensure, at no additional charge, that these figures will appearin color online (e.g., ScienceDirect and other sites) regardless of whether or not these illustrations are reproduced in color in the printed version.

For color reproduction in print, you will receive information regarding the costs from Elsevier after receipt of your accepted article.

Please indicate your preference for color: in print or online only. For further information on the preparation of electronic artwork, please see http://www.elsevier.com/artworkinstructions.

Please note: Because of technical complications that can arise by converting color figures to 'gray scale' (for the printed version should you not opt for color in print) please submit in addition usable black and white versions of all the color illustrations.

Figure captions

Ensure that each illustration has a caption. Supply captions separately, not attached to the figure. A caption should comprise a brief title (**not** on the figure itself) and a description of the illustration. Keep text in the illustrations themselves to a minimum but explain all symbols and abbreviations used.

Tables

Please submit tables as editable text and not as images. Tables can be placed either next to the relevant text in the article, or on separate page(s) at the end. Number tables consecutively in accordance with their appearance in the text and place any table notes below the table body. Be sparing in the use of tables and ensure that the data presented in them do not duplicate results described elsewhere in the article. Please avoid using vertical rules.

References

Citation in text

Please ensure that every reference cited in the text is also present in the reference list (and vice versa). Any references cited in the abstract must be given in full. Unpublished results and personal communications are not recommended in the reference list, but may be mentioned in the text. If these references are included in the reference list they should follow the standard reference style of the journal and should include a substitution of the publication date with either 'Unpublished results' or 'Personal communication'. Citation of a reference as 'in press' implies that the item has been accepted for publication.

Reference links

Increased discoverability of research and high quality peer review are ensured by online links to the sources cited. In order to allow us to create links to abstracting and indexing services, such as Scopus, CrossRef and PubMed, please ensure that data provided in the references are correct. Please note that incorrect surnames,

journal/book titles, publication year and pagination may prevent link creation. When copying references, please be careful as they may already contain errors. Use of the DOI is encouraged.

Web references

As a minimum, the full URL should be given and the date when the reference was last accessed. Any further information, if known (DOI, author names, dates, reference to a source publication, etc.), should also be given. Web references can be listed separately (e.g., after the reference list) under a different heading if desired, or can be included in the reference list.

References in a special issue

Please ensure that the words 'this issue' are added to any references in the list (and any citations in the text) to other articles in the same Special Issue.

Reference management software

Most Elsevier journals have a standard template available in key reference management packages. This covers packages using the Citation Style Language, such as Mendeley (http://www.mendeley.com/features/reference-manager) and also others like EndNote (http://www.endnote.com/support/enstyles.asp) and Reference Manager (http://refman.com/support/rmstyles.asp). Using plug-ins to word processing packages which are available from the above sites, authors only need to select the appropriate journal template when preparing their article and the list of references and citations to these will be formatted according to the journal style as described in this Guide. The process of including templates in these packages is constantly ongoing. If the journal you are looking for does not have a template available yet, please see the list of sample references and citations provided in this Guide to help you format these according to the journal style.

If you manage your research with Mendeley Desktop, you can easily install the reference style for this journal by clicking the link below:
http://open.mendeley.com/use-citation-style/behavioural-brain-research

When preparing your manuscript, you will then be able to select this style using the Mendeley plugins for Microsoft Word or LibreOffice. For more information about the Citation Style Language, visit http://citationstyles.org.

Reference formatting

There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style or format as long as the style is consistent. Where applicable, author(s) name(s), journal title/book title, chapter title/article title, year of publication, volume number/book chapter and the pagination must be present. Use of DOI is highly encouraged. The reference style used by the journal will be applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage. Note that missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct. If you do wish to format the references yourself they should be arranged according to the following examples:

Reference style

Text: Indicate references by number(s) in square brackets in line with the text. The actual authors can be referred to, but the reference number(s) must always be given.

List: Number the references (numbers in square brackets) in the list in the order in which they appear in the text.

Examples:

Reference to a journal publication:

[1] Van der Geer J, Hanraads JAJ, Lupton RA. The art of writing a scientific article. J Sci Commun 2010;163:51–9.

Reference to a book:

[2] Strunk Jr W, White EB. The elements of style. 4th ed. New York: Longman; 2000.

Reference to a chapter in an edited book:

[3] Mettam GR, Adams LB. How to prepare an electronic version of your article. In: Jones BS, Smith RZ, editors. Introduction to the electronic age, New York: E-Publishing Inc; 2009, p. 281–304.

Note shortened form for last page number. e.g., 51–9, and that for more than 6 authors the first 6 should be listed followed by 'et al.' For further details you are referred to 'Uniform Requirements for Manuscripts submitted to Biomedical Journals' (J Am

Med Assoc 1997;277:927–34) (see also http://www.nlm.nih.gov/bsd/uniform_requirements.html).

Video data

Elsevier accepts video material and animation sequences to support and enhance your scientific research. Authors who have video or animation files that they wish to submit with their article are strongly encouraged to include links to these within the body of the article. This can be done in the same way as a figure or table by referring to the video or animation content and noting in the body text where it should be placed. All submitted files should be properly labeled so that they directly relate to the video file's content. In order to ensure that your video or animation material is directly usable, please provide the files in one of our recommended file formats with a preferred maximum size of 150 MB. Video and animation files supplied will be published online in the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect: http://www.sciencedirect.com. Please supply 'stills' with your files: you can choose any frame from the video or animation or make a separate image. These will be used instead of standard icons and will personalize the link to your video data. For more detailed instructions please visit our video instruction pages at http://www.elsevier.com/artworkinstructions. Note: since video and animation cannot be embedded
in the print version of the journal, please provide text for both the electronic and the print version for the portions of the article that refer to this content.

AudioSlides

The journal encourages authors to create an AudioSlides presentation with their published article. AudioSlides are brief, webinar-style presentations that are shown next to the online article on ScienceDirect. This gives authors the opportunity to summarize their research in their own words and to help readers understand what the paper is about. More information and examples are available at http://www.elsevier.com/audioslides. Authors of this journal will automatically receive an invitation e-mail to create an AudioSlides presentation after acceptance of their paper.

Supplementary material

Elsevier accepts electronic supplementary material to support and enhance your scientific research. Supplementary files offer the author additional possibilities to publish supporting applications, highresolution images, background datasets, sound clips and more. Supplementary files supplied will be published online alongside the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect: http://www.sciencedirect.com. In order to ensure that your submitted material is directly usable, please provide the data in one of our recommended file formats. Authors should submit the material in electronic format together with the article and supply a concise and descriptive caption for each file. For more detailed instructions please visit our artwork instruction pages at http://www.elsevier.com/artworkinstructions.

Database linking

Elsevier encourages authors to connect articles with external databases, giving readers access to relevant databases that help to build a better understanding of the described research. Please refer to relevant database identifiers using the following format in your article: Database: xxxx (e.g., TAIR: AT1G01020; CCDC: 734053; PDB: 1XFN). See http://www.elsevier.com/databaselinking for more information and a full list of supported databases.

3D neuroimaging

You can enrich your online articles by providing 3D neuroimaging data in NIfTI format. This will be visualized for readers using the interactive viewer embedded within your article, and will enable them to: browse through available neuroimaging datasets; zoom, rotate and pan the 3D brain reconstruction; cut through the volume; change opacity and color mapping; switch between 3D and 2D projected views; and download the data. The viewer supports both single (.nii) and dual (.hdr and .img) NIfTI file formats. Recommended size of a single uncompressed dataset is maximum 150 MB. Multiple datasets can be submitted. Each dataset will have to be zipped and uploaded to the online submission system via the '3D neuroimaging data' submission category. Please provide a short informative description for each dataset by filling in the 'Description' field when uploading a dataset.

Note: all datasets will be available for downloading from the online article on ScienceDirect. If you have concerns about your data being downloadable, please provide a video instead. For more information see: http://www.elsevier.com/3DNeuroimaging.

Submission checklist

The following list will be useful during the final checking of an article prior to sending it to the journal for review. Please consult this Guide for Authors for further details of any item.

Ensure that the following items are present:

One author has been designated as the corresponding author with contact details:

• E-mail address

• Full postal address

All necessary files have been uploaded, and contain:

• Keywords

• All figure captions

• All tables (including title, description, footnotes)

Further considerations

• Manuscript has been 'spell-checked' and 'grammar-checked'

• References are in the correct format for this journal

• All references mentioned in the Reference list are cited in the text, and vice versa

• Permission has been obtained for use of copyrighted material from other sources (including the Internet)

Printed version of figures (if applicable) in color or black-and-white

• Indicate clearly whether or not color or black-and-white in print is required.

• For reproduction in black-and-white, please supply black-and-white versions of the figures for printing purposes.

For any further information please visit our customer support site at http://support.elsevier.com.

AFTER ACCEPTANCE

Use of the Digital Object Identifier

The Digital Object Identifier (DOI) may be used to cite and link to electronic documents. The DOI

consists of a unique alpha-numeric character string which is assigned to a document by the publisher upon the initial electronic publication. The assigned DOI never changes. Therefore, it is an ideal medium for citing a document, particularly 'Articles in press' because they have not yet received their full bibliographic information. Example of a correctly given DOI (in URL format; here an article in the journal *Physics Letters B*): http://dx.doi.org/10.1016/j.physletb.2010.09.059

When you use a DOI to create links to documents on the web, the DOIs are guaranteed never to change.

Online proof correction

Corresponding authors will receive an e-mail with a link to our online proofing system, allowing annotation and correction of proofs online. The environment is similar to MS Word: in addition to editing text, you can also comment on figures/tables and answer questions from the Copy Editor.
Web-based proofing provides a faster and less error-prone process by allowing you to directly type your corrections, eliminating the potential introduction of errors.
If preferred, you can still choose to annotate and upload your edits on the PDF version. All instructions for proofing will be given in the e-mail we send to authors, including alternative methods to the online version and PDF.
We will do everything possible to get your article published quickly and accurately. Please use this proof only for checking the typesetting, editing, completeness and correctness of the text, tables and figures. Significant changes to the article as accepted for publication will only be considered at this stage with permission from the Editor. It is important to ensure that all corrections are sent back to us in one communication. Please check carefully before replying, as inclusion of any subsequent corrections cannot be guaranteed. Proofreading is solely your responsibility.

Offprints

The corresponding author, at no cost, will be provided with a personalized link providing 50 days free access to the final published version of the article on ScienceDirect.

This link can also be used for sharing via email and social networks. For an extra charge, paper offprints can be ordered via the offprint order form which is sent once the article is accepted for publication. Both corresponding and co-authors may order offprints at any time via Elsevier's AUTHOR INFORMATION PACK 14 May 2015 www.elsevier.com/locate/bbr 11 WebShop (http://webshop.elsevier.com/myarticleservices/offprints). Authors requiring printed copies of multiple articles may use Elsevier WebShop's 'Create Your Own Book' service to collate multiple articles within a single cover (http://webshop.elsevier.com/myarticleservices/booklets).

AUTHOR INQUIRIES

You can track your submitted article at http://www.elsevier.com/track-submission. You can track your accepted article at http://www.elsevier.com/trackarticle. You are also welcome to contact Customer Support via http://support.elsevier.com.